

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso. 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBRIMO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

A saúde publica e o governo actual. — Falsificação dos generos alimenticios. — Laboratorios de venenos. — A porta aberta.

Dissemos e repetimos que si o governo do sr. Rodrigues Alves se limitasse a embellezar, a sanear o Rio de Janeiro, teria conquistado irre-
 cuzavel direito á benemerencia, a deixar o Cattete, como o inolvidavel Prudente de Moraes, sob as benções do povo agradecido. Mas s. ex. prestou-nos o grande beneficio de suscitar o prefeito Passos, que operou o milagre de varrer da administração municipal a politicagem que a inficcionava como um virus pestoso e debellar a rotina, as «cabeças-de-porco» que eram um obstaculo superior ás mais corajosas tentativas, a todas as idéas de progresso, de regeneração da cidade governada por um relaxamento recalitrante.

Esse prefeito «bota-a-baixo» que, em quatro annos, remodelou a cidade, rasgou-lhe no bojo immundo avenidas, enfeitou-a de jardins, attraíndo para as ruas amplas, arejadas e limpas, a população estiolada ao abrigo insalubre das habitações defeituosas, sem ar, sem luz, sem conforto, está prestando, no fim da sua administração, mais dois serviços importantes — o recenceamento da população da Capital e a fiscalisação dos generos alimenticios, dando séria caça aos falsificadores que nos envenenavam impunemente abrigados pela protecção á industria nacional.

A guerra fiscal aos contrafactores feita pelas alfandegas nacionaes obrigou-os a installarem os seus deshumanos laboratorios no Brazil. Impostos prohibitivos expulsaram, em grande parte, os artigos alimenticios europeus e crearam a industria criminosa da falsificação de generos de primeira necessidade, elevando a preços barbaros aquelles que não fabricamos.

A cerveja estrangeira foi substituida pela cerveja nacional, cuja integridade não podemos assegurar. Fundaram-se muitas fabricas, que, de um momento para outro, annunciam o producto com pomposos rotulos e, como não teem competidores, elevaram o preço da garrafa de cerveja a altura jámais attingida pelos similares europeus que continham alta dóse de acido salicilico.

Os consumidores queixam-se de certas marcas dessa aguadilha amarellada e amargosa que lhes deixa na bocca um desagradavel gosto de cobre, esse caracteristico sabor designado pela pictoresca alcunha de gosto de cabo de chapéo de sol velho,

escangalhando-lhes o estomago e gerando as dispépsias dos povos estragados.

De concomitancia com essa beberagem, que ninguem ouzaria deglutir si viesse de pharmacias, vêem os vinhos adulterados innocuamente com agua no recesso nojento de todas as tabernas, de todas as vendas immundas, que são uns antros infectos; surgiram, depois, os vinhos fabricados em grande escala, abertamente, affrontosamente, no centro da cidade em laboratorios aprégoados com immenso escandalo, fabricados com agua, com materias corantes derivadas de páu campeche, da hulha e outras drogas nocivas.

Descobriram-se no seio da Capital fabricas de vinho do Rio Grande do Sul e depositos do mesmo vinho falsificado em Porto Alegre, contendo fushina e alcatrão de hulha, fornecendo assim um poderoso argumento aos obsecados protectores da industria nacional.

Com os vinhos surgiram os xaropes venenosos a inundarem o mercado, xaropes de ananaz, de groselha, de grenadina, de morango, de limão, de cajú e outros, nos quaes a analyse chimica revelou as materias corantes supra mencionadas e mais ethers da série graxa, alcool amylico e acido salicilico, venenos supinamente nocivos, devendo-se tambem incluir entre os productos dessa deshumana industria os licores de todos os fructos e o vinagre tinto.

E como nota curiosa, devemos referir que um dos falsificadores mais em vóga e mais afreguezados declarou ingenuamente em sublinhado annuncio que não venderia mais generos falsificados, passando a fornecel-os genuinos adulterados mas sem substancias nocivas. Nem poderia ser de outro modo, uma vez que elles não dispõem da materia prima para engrólar os «chartreuse», os absynthos, as grenadines e outros, de fructos que não médran na região tropical.

Não nos cauza indignação intoxicarem elles os beberrões, que são assim castigados pela incontinencia; o que inspira profundo horror é que elles envenenam as creanças, fabricando as «balas», de que ellas são, orninariamente, tão gulosas, com aquellas materias corantes e com os ethers da série graxa que deterioram os pequenos estomagos e se tornam agentes de receptividade para toda a sorte de molestias a que a infancia, no Rio de Janeiro, paga pezadissimo tributo.

A sancção repressiva desses malfeitores é irrisoria, acoroça-lhes o crime, habitual pela impuni-

dade. É tão lucrativo é o negocio que vale a pena reincidir pagando as multas.

Sentimos um forte aperto no coração quando vemos um pae de familia comprando «balas» para os filhos á garotada que assalta os bondes, vendendo esses pequenos vehiculos de venenos com assucar, aggravados, muita vez, pela circumstancia de serem manipulados por mãos suspeitas, de leprosos, de tuberculosos, de avariados de todo o genero, obrigados pela molestia á vida sedentaria e aos trabalhos compatíveis com as suas depauperadas forças.

Eis porque applaudimos com ambas as mãos, effusivamente, essa campanha humanitaria e benemerita contra os fabricantes do que nós comemos, do que nós bebemos, contra esses sinistros instrumentos de degeneração da raça e da diminuição da população, criminosos que médram e proliferam á sombra da clemencia legal e muito mais perigosos porque são mais dignos de rigor do que aquelles que propinam veneno a um adversario, a um inimigo, por um impulso de colera, de vingança, de ciúme. Esses falsificadores intoxicam, friamente, mercantilmente, com o unico intuito de lucro, o consumidor anonymo das classes pobres, cujos minguados meios lhes não permitem a selecção dos generos de primeira necessidade.

Tudo se falsifica neste pobre paiz. Falsificam-se as eleições, a instrucção publica, o café, a manteiga e todos os generos, como as eleições, de alimentação, solidos e liquidos, o pão do corpo e o pão do espirito. É é nessa deploravel situação

malfezja que recrudesce o prurido proteccionista, cujas phantasias custarão inumeros sacrificios aos contribuintes sobrecarregados em beneficio dos fraudulentos agentes de industrias facticias, com os seus laboratorios de venenos ou de productos de pessima qualidade.

E' por isso, por vermos deturpados, mal compensados os beneficios das leis protectoras que nós somos partidarios da porta aberta, da competencia, que será o melhor estimulante para o desenvolvimento da verdadeira industria que transforme as nossas preciosas e abundantissimas materias primas em artigos que combatam victoriosamente os similares estrangeiros pelo preço e pela perfeição.

* * *

Bem avisado foi o glorioso prefeito, empenhando-se nestes ultimos dias do seu brilhante quatriennio, em promover, com apparatus solidos de efeitos permanentes, a campanha patriotica contra os exploradores de generos alimenticios falsificados. Da mesma fórma estão agindo os governos de todas as grandes nações com medidas energicas em beneficio da saúde publica.

Não lhe dôam as mãos no castigo dessa horda de assassinos: o sr. Pereira Passos terá para sancionar o seu trabalho os agradecimentos do nosso povo, que já comprehende os beneficios que se lhe fazem.

POJUCAN.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

— —

A engenharia militar. — Sua missão na paz e na guerra. — Organização dos corpos de engenharia: sua deficiencia e inapdidão. — A pratica de engenharia nas escolas militares.

Cabe a vez, no presente artigo, da revista critica dos nossos chefes de engenharia.

Desde tempos remotos, para honra nossa, corre a fama da superioridade dos seus feitos — facto esse que será agóra confirmado ou não pelo exame dos seus membros.

Com certeza, a semelhante exame não se esquivarão os de real merecimento — mas desde já affiançamos que alguns rebeldes toparemos evitando a avaliação dos seus vastissimos *desconhecimentos* e competencia de palanfrorio — jámais comprovada com a evidencia dos factos — talvez por desmedida modestia.

Deixamol-os, porém, por enquanto, na santa paz e socego da sua modes-

tia, para lembrar em poucas palavras as incumbencias que, em geral, são chamados a attender os engenheiros militares.

Os multiplos e variados encargos da engenharia militar pódem enfeixar-se em duas grandes categorias: — os trabalhos de execução durante a paz e os de desempenho em plena lucta ou na imminencia de tal.

Entre os primeiros, ha os de caracter puramente civil e os de caracter simplesmente militar — e uma classe mixta, participando da natureza dos dois.

Ahi figuram as construcções de fortes e fortalezas permanentes, quartéis, fabricas, casas para simples moradia, hospitaes, estabelecimentos diversos, emfim—destinados ao abrigo, instrucção, armazenamento, produção, fabricação e administração do pessoal e material do Exercito sob todos os seus aspectos e necessidades.

Para todos esses serviços, confes-

samo-nos perfeitamente aparelhados a respeito de pessoal — pois ha um grupo numero de officiaes competentes e tão capazes como os mais capazes — não exigindo demonstrações o que dizemos, por serem bem conhecidas, ainda dos civis, as muitas provas existentes em eloquente attestado.

Mas, como acima lembramos, os mistéres da engenharia militar não vêem o seu campo de actividade limitado ao periodo da paz; — durante a lucta ou nas suas proximidades, muito importante é o seu papel.

Sob esse aspecto, infelizmente, muito longe, muito affastados mesmo estamos de um estado lisongeiro, porque em relação á pratica da guerra os nossos engenheiros militares estão na infancia da aprendizagem.

Raro, rarissimo é aquelle que, durante a sua vida, tenha dirigido ou visto construir uma simples *trincheira-abrigo* — e, principalmente, entre os officiaes superiores — os nossos dire-

ctores e guias de amanhã durante a guerra. Esses, com certeza, si viram ou si se applicaram na epocha da sua mocidade a assumptos dessa natureza, — hoje, com o longo espaço de sua completa inactividade, não mais se recordam dessas babuzeiras, muito massantes e que, no final de contas, pódem ficar para as inspirações do momento.

Entre nós, a organização das tropas de engenharia comprehende dois únicos batalhões, por de mais deficientes, dadas as condições actuaes da guerra. Cada batalhão, com quatro companhias tem-nas destinadas — as duas primeiras, aos mineiros e sapadores e as ultimas, aos trabalhos de telegraphia e caminhos de ferro.

Esses destinos, porém, são totalmente esquecidos, não havendo preparo algum nesses mistéres, quer de parte dos officiaes, quer dos soldados. De modo que, na occasião da crise, constituirão elles tropas quasi inuteis, mais se prestando a secundar a infantaria no fogo, do que ao preparo material do campo de acção.

Os officiaes que nunca tiveram occasião de praticar nessas coisas, pouco sabem, a não ser algum mais curioso, com conhecimento theorico de tudo isso — o que é preciso confessar ser muito pouco, porque, por melhor que seja a sua bôa vontade, muitos embaraços encontrará na traducção practica daquellas noções theoricas em momento improprio a experimentações e aprendizagens.

Nas escolas militares, por onde passamos onze dilatados annos, em curso regular, nunca instructor encarregado desse assumpto se dignou falar em semelhantes coisas, porque elles — apenas competentes officialmente — não entendiam patavina, muito os contrariando tocar, embôra de leve, sobre tal assumpto. E como a nossa turma, todas as anteriores e posteriores soffreram mal identico.

Em conclusão, podemos asseverar que, nesse mistér, estamos mais atrasados do que os filhos do Celeste Imperio, apesar da nossa pretensão de muito preparados.

TENENTE MAX.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

O UIRAPURU' (4)

NOVELLA PARAENSE

POR

DOMINGOS OLYMPIO

VII

D. Amelia, arregaçando a saia de sêda, percorreu todos os compartimentos; examinou tudo cuidadosamente; abriu gavetas, armarios e, nesse andar de curiosidade meticulosa, surpreendida de tanto asseio, de tanta ordem, foi ter á cosinha. Severa, absorta no trabalho de tirar o alinhoço, não deu logo por ella.

— Bom dia, sinh'ama — disse d. Amelia, examinando com olhar entendedor as iguarias.

— Bom dia a vosmecê — respondeu a mulata, enleuada.

— Está no seu trabalho.

— E' verdade, *nhá* dona.

— Você vive ha muito tempo com o seu patrão?

— Uhê!... Desde menino, não teve elle outra ama... Mamou o meu leite. Quando Deus chamou a senhora velha, elle era rapazinho assim e foi com esta preta que se achou no mundo com o favor de Deus..

— Deve ter-lhe muita amizade...

— Branco não tem amizade a preto... Mas, graças a Deus, não tenho razão de queixa, porque sempre foi muito bom para mim.

— Ah!... Parece, com effeito, muito bom homem, muito socegado, muito amigo de seus amigos, muito cumpridor de seus deveres. Toda a gente fala bem d'elle. Não sei como pôde elle viver aqui, neste deserto, sósinho, em semelhante casarão.

— Não é tão deserto assim. Aqui a gente tem de um tudo e está longe do barulho, do calorão e do pó da cidade. E' um socego que faz gosto. *Nhô* Placido sáe de manhã e volta de tarde; eu fico com os moleques tomando conta da casa. Elle chega, toma banho, muda de roupa, janta e sáe outra vez para voltar das dez para as onze da noite...

— E janta sempre sósinho? ..

— Qual o que! Não ha dia em que não traga um ou dois amigos... Comida, graças a Deus, não falta, nem que fôsse para uma duzia d'elles.

— Sómente homens?...

— Uhê, pois havia de ser mulheres?... São bons moços, muito alegres, muito engraçados. Eu fico contente quando elles vêem, porque tambem me divirto com as conversas d'elles.

— Conversas de rapazes..

— Elles, ás vezes, contam bobagens, mas eu não faço caso, já sou uma mulata velha...

— Pois isso, agóra, váe acabar. Seu patrão váe mudar de vida..

— Mudar de vida?...

— Não sabe que elle váe cazar com minha filha.

— Cazar, elle?... Vosmecê está mangando commigo...

— E' verdade. Está tratado o casamento para daqui a um mez.

— Então aquella moça bonita que está passeando no jardim?..

— E' a noiva..

Assaltada pela intensa commoção dessa nova, Severa não pôde conter as lagrimas.

— Você se admira de uma coisa tão natural?

— Eu bem presentia, minha senhora, alguma novidade... Meu coração bem me avizava. *Nhô* Placido não devia fazer isso commigo...

— Queria, então, que lhe consultasse? Parece que você é quem manda nesta casa. Quanto ganha por mez?...

— Eu nada ganho, nem governo a casa, *nhá* dona. Mas elle sempre foi franco, não tinha segredos para mim na sua vida... Era natural que me dissesse..

— Pois váe cazar e muito bem. Procurando com uma lanterna, elle não acharia moça de melhor familia nem mais bem prendada. Está vendo aquelle moço que veio commigo? Bebe os ares pela Affonsina, gostava della desde menino; mas era muito estroina, muito desperdiçado e eu me oppuz formalmente quando vi o namorico muito adeantado. Muitos lhe arrastaram aza, talvez atraz do dote; ella, entretanto, depois que desmanchei o casamento com o Joannico, protestou que, não sendo com o noivo do seu gosto, só acceitaria o que eu escolhesse. Como obediencia e sujeição, não ha melhor filha. Eu gosto muito dos modos humildes e respeitosos do seu patrão e antes que a menina, aqui na cidade, ficasse caída por algum pelintra sem eira nem beira, tratei logo de arranjar o casamento.

Severa ouvia, aturdida.

— Confesso que esse delicioso perfume desperta-me um tremendo appetite — exclamou Joannico, na sala de visitas, onde, com Affonsina e Placido, acabavam de entrar, depois de um passeio pela chacara.

D. Amelia foi ajuntar-se a elles, deixando a mulata immersa em funda tristeza pela ingratição do querido *nhô* Placido.

O almoço correu alegre, animado. Joannico, gabando os vinhos e os manjares; Placido, servindo com sollicita amabilidade a noiva e a sogra, que achou tudo muito temperado, muito urucú, muito cheiro, muita pimenta, principalmente nos casquinhos de carangueijo que ella gostava de co-

mer feitos por ella mesma ; não tinha confiança na limpeza de mãos da cozinheira. Apesar disso, foi comendo de tudo com invejavel appetite, recordando sempre para comparar com vantagem os pratinhos que a Feliciana, sua cozinheira da roça, sabia preparar como ninguém. Aquella é que se pôde chamar cozinheira de conta, pezo e medida, a quem se poderia confiar ouro em pó. Era um tanto ronceira, só fazia as coisas mandada. Em compensação, não era respondona nem mettida e tinha a primorosa virtude da humildade, tal qual o Placido.

A conversação adejou por todos os assumptos. Falou-se de tudo com tamanha animação, que não houve ensejo para ser posto em execução o plano de Placido, abordar o projecto de demover d. Amelia da resolução de ficar morando na cidade. Affonsina estava encantada pela rocinha, pela casa, pelo salão, que era uma joia, pelo quarto de dormir, que era um brinco, pela cama sumptosa como um altar, macia e fôfa como um ninho de beija-flôr. A mãe achára a casa muito devassada, illuminada de mais com janellas e portas sem conto, muito isolada naquelle deserto que á noite devia ser triste como um cemiterio. E ella, que ouvira contar façanhas de gatunos da cidade, não conseguiria dormir alli com medo de assaltos desses malfetores. De resto, seria absurdo sair da roça para metter-se numa rocinha que, por estar perto da cidade, não deixava de ser matto, a mesma paisagem de floresta monotonica, tanto tempo supportada porque o defunto marido necessitava de ares de campo e de conciliar a saúde com os interesses da fazenda.

— Quando me lembro — concluiu d. Amelia, com um longo suspiro, arrancado das entranhas — que o pobre lá ficou enterrado. Nem é bom falar nisso. De matto só o socego e a distancia !..

Ante semelhante franqueza, que vinha a talho de foice para lhe cortar as vazas, Placido ficou desnortado: seria imprudencia contrariar a futura sogra naquelle momento em que o dever era obsequial-a, como dono de casa, poupar-lhe o mais ligeiro dissabor. O projecto ficou engatilhado para melhor oportunidade. Não fôsse elle dos taes homens pacatos, concentrados, pertinazes, que, em se apegando a uma idéa, não a abandonam ás primeiras decepções. Mudou logo de plano: em vez de abordar resolutamente a mãe, procurava convencer a filha, mais malleavel, mais docil. Era o seu mais ardente anelo não deixar aquella casa edificada com tanto cuidado, com a qual por tal fórma se identificára, que lhe pare-

cia um sacrificio excessivo morar em outra no centro da cidade. Seria isso um capricho, mas era a unica condição que elle arriscaria como compensação das muitas imposições acceitas sem protesto. Sabia que moças, na imminencia do casamento, são condescendentes, nada recuzam aos noivos, muito embóra se desforrem mais tarde com vantagem, impondo despoticamente todos os seus caprichos.

Durante alguns momentos em que ficou livre com Affonsina, manifestou-se com acanhamento, com hesitação, exaltando-lhe as vantagens de viverem alli, segregados do bulicio da cidade, entregues um ao outro, vivendo numa troca de affectos como duas almas num corpo, sem as perturbações da curiosidade importuna, no delicioso egoismo de um casal venturoso. Affonsina não prometteu acceder definitivamente; ficou, todavia, ajustado que passariam na rocinha, pelo menos, o mez da lua de mel. Placido exultou satisfeito, contando com diversos e faceis recursos para prolongar o prazo e realizar o ambicionado sonho.

— O carro está ali — disse Severa, interrompendo o doce colloquio.

— Está doida para ver-nos pelas costas — murmurou d. Amelia — Deixa estar que te ensinarei.

A' despedida, Joannico, sempre amavel e cortez, tratando Placido com familiaridade de primo, fez-lhe cumprimentos pelo almoço, pela deliciosa vivenda, prometendo acompanhá-lo na primeira caçada, que era o *sport* favorito.

Quando partiram, Severa aproximou-se lentamente de Placido, que não pôde disfarçar a confusão.

— Então, *nhô* Placido, vosmecê váe cazar e não disse nada á sua mulata velha ?..

— E' verdade, Severa. Não foi por mal que te occultei. Minha intenção era conheceres primeiro a noiva para dares a tua opinião. Que te parece ?.. Bella pessoa..

— Ella parece ser bôa senhora, sem luxos, sem soberbías... Para falar a verdade, não gostei da mãe, muito perguntadeira. Cascavilhou toda a casa enquanto vosmecê estava no jardim com a filha e o primo, que Deus me perdôe, não se me dava de jurar, tambem gosta della... Emfim, vosmecê é branco, senhor da sua vontade, faz o que entende. Eu, depois de velha, ficarei abandonada; irei procurar a minha vida como puder, até que Deus me leve.

E enxugou com o avental lagrimas que lhe borbulhavam dos olhos.

— Deixa de tolices — atalhou Placido, commovido — viverás sempre commigo. Acreditas que eu seja capaz

de te abandonar, de abandonar a minha velha Severa ?.. Seria preciso que eu não tivesse alma.

E abraçou-a carinhosamente, apertando-a contra o seio, para que ella lhe ouvisse falar o coração em pulsações precipites.

VIII

A observação de Severa fôra uma revelação. O primo, de maneiras desenvoltas, trespalando á moral facil da educação nas grandes metropoles corrompidas, era um trambolho desagradavel, um accidente extranho aos projectos de Placido, um superveniente perigo, cuja extensão elle não ouzava avaliar com a precisão predominante nos actos mais comesinhos da sua vida. Haveria entre os dois simples relações de infancia, a innocente intimidade do contacto de dois entes creados juntos como irmãos, ou se desdobrava essa convivencia da primeira idade num affecto que vinculasse com raizes tenazes, vigorosas os dois corações ?

A intermittente sombra de duvida volvia a toldar o semblante sereno de Placido, contraíndo-lhe em rugas as suaves linhas, como acontecia quando se lhe antolhavam graves problemas da direcção do trafego da Empresa, nesses momentos difficeis de concentração mental, em que elle assobiava, á surdina, uma aria popular amenizando o esforço para a resolução definitiva.

No escriptorio notaram-lhe os companheiros profunda ruga cavada entre os sobrolhos contraídos e notavel alteração de compustura, attribuida ás preocupações da proxima mudança de estado, á gravidade dos preliminares de constituição da familia.

Começou elle a estudar discretamente as relações dos primos, colher-lhes as palavras, notar-lhes os sorrisos, os demorados apertos de mãos, certas maneiras que pareciam sublinhadas de ligeiro traço sensual, polvilhadas pela canella da malicia. Procurou interpretar os menores gestos, as attitudes, os olhares illuminados desse extranho fulgor de desejos que se chocam, os suspiros mal contidos aos quaes a excitação, o nascente aguilhão do ciúme e as nevoas da desconfiança deformavam em revelações terriveis. Os gestos de Affonsina se figuravam languido abandono ás caricias de Joannico, endireitando-lhe uma rebelde madeixa de cabellos ou batendo-lhe ternamente na face; outras vezes, assiduo ao lado della, tratando-a com a superioridade complacente de homem entregue a cogitações graves, accentuadas por longos silencios, durante os quaes elle passeava absorto pelo salão, com as mãos imersas nos bolsos das calças.

Uma noite, o agronomo estava de véras intratável. Ordinariamente jovial, conservador, elle mal respondia ás perguntas da tia ou lhe replicava com gestos asperos de impaciencia irreverente.

A' despedida, Affonsina disse sorrindo a Placido :

— Notou como está hoje o Joannico ?

— Ora, priminha—interrompeu elle, vivamente.

— Está contrariado pelos rigores de mamãe... Elle foi, hoje, infeliz; nada obteve. Coitado! Si eu pudesse... Seja bom para com elle, Placido; queira-lhe bem..

— Não faça caso do que essa cabeinha de vento diz — concluiu Joannico — Vamos ao Carneiro, amigo.

Saíram juntos, seguiram pela rua da Cadeia: Placido, respeitando o silencio do companheiro, que marchava de olhos fitos na calçada. Chegando ao largo das Mercês, Joannico disse subitamente :

— Para que negal-o? Affonsina tem razão... Devo ser franco... Com amigos, como você, Placido, não se devem ter segredos...

Placido estremeceu assustado.

— Você sabe que a tia — continuava Joannico — é numa féra tratando-se de interesses. E eu estou infelizmente na dependencia dos seus caprichos porque — aqui para nós — rapaziadas, extravagancias, estroinices da mocidade consumiram quasi todos os meus haveres. Resta-me uma parte do engenho que ella administra sem me dar a menor satisfação. A minha derradeira esperança era cazar com Affonsina. Está vindo como lhe abro o coração... Mas foi de encontro a tia, defendendo heroicamente a filha a ponto de declarar-me francamente que jámais consentiria em ligal-a a um desmiolado, um pandego, um homem sem assento, sem principios e outras barbaridades capazes de exasperar os mais calmos. Foi talvez por isso que me mandou á Europa e, pilhando-me ausente, apressou o casamento da filha. Você comprehende que essas confidencias de familia só se fazem a um amigo como eu o considero...

— Muito obrigado — rosou Placido, com a garganta obstruida.

— Por muito favor, depois de muita supplica, de promessas de regeneração, se resolveu a acolher-me, a me facilitar os meios de vida. A tia Amelia suppoz que me pregava uma grande peça; eu, porém, não me mostrei contrariado pelo casamento. Si a prima tinha de passar a outras mãos, estimei muito que fôsse você o escolhido, porque não é por estar na sua presença — você é um homem sympa-

thico, um homem de valor, que será um marido exemplar.

Placido agradeceu, com um gesto de modestia.

— Mas... como ia dizendo: voltei da Europa, estou morando com ella, nada me falta; surgiu, entretanto, um compromisso de honra... Você deve saber o que isso é... Tive hoje um péga com a tia, que me recuzou formalmente uns miseráveis quinhentos mil réis. Eu tenho dinheiro a receber, mas você sabe como isso anda agóra. Estou numa entalada dos diabos.

— Não se amofine por tão pouco. Eu lhe arraujarei.

— Não senhor; não exijo sacrificio — interrompeu Joannico, com um vehemente gesto de recusa — Você está fazendo despezas extraordinarias com os preparativos do consorcio...

— Tenho, felizmente, comigo, essa quantia — insistiu Placido.

— Não quero teimar numa recusa que seria pouco cortez — concluiu Joannico, condescendo em acceitar as notas que Placido tirára da carteira, notas novas, bem dobradas, porque elle cuidava do dinheiro com carinho e nunca uzava cedulas velhas — Fico muito agradecido por este valioso favor. Será por quinze dias no maximo. Isto é uma divida sagrada. Ah, Placido, você é um homem providencial.. Muito obrigado. Os amigos se conhecem nas occasiões. Adensinho, até amanhã, meu caro, meu precioso primo.

E abraçando Placido ternamente, numa afeição de alegria infantil, subiu pela travessa das Mercês, direito á tavolagem do Fontoura, casa muito bem reputada e frequentada por gente muito séria.

Depois de alguns instantes de hesitação, Placido seguiu pela rua de S. Antonio, a pensar no caso, no supposto rival reduzido a um bilontra vulgar, sem escrupulos, a ruminar absurdas suspeitas, até o café Carneiro, onde o esperavam os indefectivos parceiros do sólo.

Nessa noite, o jogador emerito perpetrou pichotadas indesculpaveis, como si o mirapurú perdesse o maravilhoso poder de talisman; jogou machinalmente, distraído, como quem está com o pensamento ausente, a viajar por outros mundos, cabriolando como ave perdida na treva do espaço sem horizonte.

Rememorando as palavras de Joannico, elle via através dellas a verdade — d. Amelia procurando-o como instrumento da sua resolução de evitar o casamento da filha com o primo. Na sua qualidade de uoivo, elle se figurava estar pegando jacuman para desviar a montaria do rebojo de um peráu,

que era o doidivanas do Joannico, esbanjador refractario e perigoso. Era isso: o caso estava em nitido destaque. Affonsina submettera-se á injunção irresistivel da mãe; obedecera, sem protesto, conservando para o amigo de infancia o coração. E desde esse momento, Placido resolveu empregar todos meios para elucidar completamente a situação em que fôra colhido de surpresa.

(Continúa)

PAGINAS ESQUECIDAS

SONETOS

III

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa juntamente chôro e rio,
O mundo todo abarco e nada apêrto.

He tudo quanto sinto hum desconcerto:
Da alma hum fogo me sahe, da vista hum
Agora espero, agora desconfio;
Agora desvario, agora acérto.

Estando em terra, chiego ao Céu voando;
N'hum'hora acho mil annos, e he de geito
Que em mil annos não posso achar hum'hora.

Se me pergunta alguém, porque assi ando?
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.

IV

Transforma-se o amator na consa amada,
Por virtude do muito imaginar:
Não tenho logo mais que desejar
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se n'ella está minha alma transformada
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente pôde descansar,
Pois com elle tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semidéa,
Que como o accidente em seu sojeito,
Assi com a alma minha se confôrma;

Está no pensamento como idéa;
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a materia simples busca a forma.

CAMÕES.

* *

A DIPLOMACIA PORTUGUEZA EM 1890

.....

Porque o mau séstro é este: ou seja dos homens, ou da constituição politica reinante, é certo que o alto funcionalismo baixa entre nós terrivelmente, a ponto das altas funcções do Estado estarem entre mãos d'uma cretinação que faz pejo, nos entreactos em que não é o asco a sensação dominante que ella inspira. Uma vista re-

prospectiva sobre o que já n'outros numeros traçamos, informará o leitor d'alguns dos mais salientes aleijões que constituem o character do nosso homem politico, e de caminho talvez visiono o processo que tem entre nós a politica d'investir os seus dilectos, como senhora despotica, nos logares de responsabilidade ou de confiança. Já por mais d'uma vez explicámos não ser criterio usado na provisão dos altos cargos, a circumstancia d'elles convirem aos recursos e aptidões do candidato, mas tão somente se fará conta a este, o rendimento metallico d'aquelles. Este nefando systema tem enchido os quadros, de sobrinhos e irmãos de ministros e directores geraes, quazi tudo creaturinhas de gozo e de deboxe, incapazes d'estndo, sem vislumbre de cerebro, nem capacidade alguma de trabalho, e apenas dispostas a fazerem dos logares que lhes dão, conezias rendosas e inactivas. Emquanto a politica só aproveitou essa cambada de desfructadores, para mobilar com ella os logares infimos e medios das secretarias e da alfandega, bem foi a coiza: mas preenchida a correioira burocratica, de bestas, houve que se deshonnar a envergadura moral de certos cargos altos, de se pôr em jogo a dignidade e seriedade de certos serviços, para dar comida ás restantes.

Filhos de familias ricas ou illustres, cretinos insolvaveis muitos d'elles, lá vão secretarios d'embaixada e consules de primeira classe, para essas capitaes de prazer, onde o paiz lhes esportula os vicios frustes, a ociosidade desdenhosa, e a elegante invalidéz; e é conhecel-os p'ra se advir na opinião de que poucos valem o dinheiro que custam, ou são dignos da investidura official que representam. O snr. Bocage, se quizesse offerecer a Lisboa um espectáculo typico, devia mandar vir todo o pessoal diplomatico que temos disperso pelas capitaes do mundo, annexar-lhe os consules com as suas fardas, e fazer uma revista de tudo, na Avenida. Seria d'um grotesco inolvidavel — com o visconde de Faria por tambor-mór — e cada um de nós saberia alfim que destino teem em Portugal certos janotas, refugio das escolas, quando derretida a ultima libra na *bórqa*, Lisboa deixa de

lhes ouvir o calão nos gabinetes do Silva e do Tavares. Vadio de bigodes torcidos, nullo pedante, bacharel puxado a quatro juntas d'appellidos, e tendo sido o Calino da sua geração universitaria, sportman com dividas, e corredor de toiros com almorrodias, tudo quanto as populações acephalas do Baltresqui e do Gremio, das cadeiras de S. Carlos e das casas de batota, contam de mais arrombado e de mais tenço, eis o viveiro aonde a diplomacia portugueza vae escolher os seus melhores auxiliares. Paris e Londres, Vienna e Petersbourg regorgitam d'estes porquinhos da India encaçados, nem sequer correctos, e quazi sempre ridiculos, por entre cujas mãos passam, nos intervallos do jogo e das cocottes, todas as melindrosas coizas que bolem co'o manutenção do nosso decoro internacional. Os embaixadores ou plenipotenciarios que entestam com este batalhão de pandegos emeritos, cumpre dizer que estejam á altura da soldadesca. Tirante o snr. Souto Mayor, que continua em Stockolmo, nonageuario quazi, a sua tradição de homem de cõrte, e o snr. Casal Ribeiro, que lá vae aguentando em Madrid os estragos que a sua vida excessiva de moço determinou no seu cerebro de *jouisseur*, os outros representantes de Portugal no estrangeiro nem sequer podem jactar-se de possuir os meritos secundarios e as qualidades communs dos homens do seu officio. Está em Bruxellas o snr. Henrique de Macedo, que é uma especie de tatu desenthusiasmado d'outra posição que não seja a horisontal, e d'outra lucidez que lhe não venha das quebreiras digestivas, aos rancos, nas poltronas das casas de jantar. Querem fazer d'este mediocre o sucessor do snr. Barjona, nas novas negociações com Salisbury. Vejam que lastima! O snr. Henrique de Macedo tem quazi todos os defeitos publicos do snr. Barjona, acrescentados d'outros que por bem de nós todos, devem pôl-o a cem leguas de tal cargo. Temos em Paris o snr. Dantas, um excellente homem, quebrado e velho — o que não basta. Em Berlim está o snr. marquez de Penafiel, sobre cuja sande cerebral começa a haver apprehensões. Em Petersbourg, o ministro portuguez é o

snr. conde de S. Miguel, que se reproduzir o dito de Chenier, tocando a frente, falta á verdade, e cujo substituto, nos seis mezes do anno em que s. ex.^a está ausente do seu posto, é o snr. Ezequiel Prego, diplomaticamente definido assim — o snr. conde de S. Miguel, do outro lado do relogio.

Temos na Haya o snr. Vicente Pindella, botas lindissimas, olhos todavia um pouco menos penetrantes do que o verniz das gaspeas; temos na Suissa o snr. Alfredo Anjos — a quatro; e finalmente em Vienna o nobre conde de Valenças, cujos meritos julgamos fixar, mencionando a unica coiza que de positivo se sabe, acerca de s. ex.^a — venho dizer — que é um mamifero.

Digam-me pois se com tal quadro, algum governo pôde ter sequer um serviço d'informação e de policia diplomatica, capaz, e se as nossas legações, com todos os seus contos de reis de costeo, servem para mais alguma coiza do que dar nicho aos preguiçosos, e passar contrabando nas bagagens. Duraute os mezes decorridos des'que o conflicto anglo-luso entreteve pela primeira vez a curiosidade da Europa, jornaes de todas as nações, occupando-se da pendencia, com pronunciada intenção de fazerem justiça aos nossos direitos, deram sobre ella informações e detalhes erroneos, argumentos contraproducentes, illudações sem documentação auctorisada, afóra os que se viram forçados a deixar o assumpto, no calor da actualidade, por falta de quem, com toda a seriedade, os informasse. Seria aqui a vez das nossas legações intervirem discretamente, distribuindo mappas e informações de fonte pura a todos os jornaes europens e americanos que se nos mostraram sympathicos, e mesmo tornando esses jornalistas, por via d'uma suggestão amavelmente habil, em instrumentos, como direi? obsequiosos, dos planos coloniaes do nosso governo, o que não seria tarefa difficil, nas mãos d'um encarregado de negocios arguto e experimentado, e d'um pessoal consular affectado aos interesses da nação. Ora, é escusadissimo affirmar que sobre esta questão vital para os nossos interesses commerciaes e politicos, nem os governos deram ordem para

se instruir a imprensa do mundo, quanto ás razões historicas ou contemporaneas das pretensões portuguezas á Africa austral, nem os residentes portuguezes nas cidades da Europa e da America — o sr. Batalha Reis e Martens Ferrão excepto — se dignaram deixar cahir dos seus divinos labios, palavras que corrigir podessem, de longe ou de perto, a correria por vezes phantasista dos nossos defeusores.

E as razões são patentes, inutil desdobral-as. A' uma, na questão africana, os ministros eram os primeiros a ignorar a extensão e a importancia dos materiaes em litigio, e tanto sabiam d'ella, que o proprio Hintze Ribeiro, já subscripto o tratado de 20 d'agosto, apoquentava pelo telegrapho o sr. Barjona, sobre a maneira d'entender as mais importantes clausulas d'aquelle inverosimil documento! A' outra, que haveria a esperar da solicitude privada dos nossos consules e embaixadores, affeitos ao ripanso do *rien faire*, e recrutados nas castas scepticas e desmoralizadas que atraz disse? Pedir ao sr. Martins Dantas que saia de casa para informar as redacções politicas de Paris, não como embaixador, mas como particular, sobre os verdadeiros tramites do conflicto zambezião; esperar que o sr. Alfredo Anjos canalise diplomaticamente a questão do camiho de ferro de Loureço Marques, por fórma que os plenipotenciarios iuglez e americaño não coajam o tribunal arbitral suiso a uos extorquir 3:600 contos d'indemnisação, por uma linha ferrea que nem 1:000 vale; cuidar que o Valenças, o Penafiel, e o Mathias de Carvalho sejam capazes d'inclinar os reis da triplice-alliança para uma intervenção favoravel á nossa causa, tudo isto seria presumir nos nossos representantes, abnegações que os governos lhes não impõem, e amores de patria que a ausencia amortece, e as ajudas de custo, dada a pobreza do erario, se teem esquecido um pouco d'avivar. A parte maxima das legações portuguezas no estrangeiro são pois comedouros, que não postos de guarda, onde os aleijados da politica e onde os pobresinhos da elegancia, supportam, n'essas capitaes de luxo, o desterro d'uma patria que elles

proprios renegam, e de que elles são os primeiros a dizer mal.

Reinternar no reino um certo numero d'esses Steinbrokens grotescos, que nem sequer sob o ponto de vista decorativo dos honram; dar uma varuscada nos adidos fantoches, e nos secretarios d'embaixada risiveis e pedantes, que lá fóra creditam mediocrememente o espirito e a *belle tenue* portuguezas, e nem as memorias de Casanova seriam capazes d'escrever; acabar d'uma vez com o advento do *filho do grande homem*, nos cargos que o nome de seu pae quer fazer hereditarios na familia, eis ahi um principio de vida nova que a bem do reino, o miuisterio devera iniciar.

FIALHO D'ALMEIDA.

APANHADOS

Um grande caricaturista iuglez — Um caricaturista iuglez, o sr. F. Carruthers Gould, por occasião do anniversario do rei Eduardo VII, foi elevado á dignidade de cavalleiro; o rei, com esse acto, agiu como um perfeito soberano constitucional, recompensando um dos mais fortes luctadores do partido victorioso nas ultimas eleições iuglezas. Com effeito, os deseuhos de Carruthers Gould, mais conhecido pelas suas tres iniciaes F. C. G., fizeram o successo de *Westminster Gazette*, para onde elle trabalhava, e contribuíram, com uma parte relativamente grande, para o triumpho do partido liberal na Inglaterra.

Os tres modelos preferidos de Gould fóram Gladstone, Salisbury e, especialmente, Chamberlain; ninguem, melhor do que elle, representava os traços angulosos do *leader* do imperialismo. Arthur Balfour e, por ultimo, Campbell Bauermann teem sido caricaturados constantemente.

Gould é o mais velho de todos os *cartoonists* iuglezes; é o unico que ainda uza aquelle typo antigo do John Bull, muito gordo, muito duro nas suas calças estreitas e na velha casaca apertada. Ha muito tempo já que elle se tinha toruado conhecido na *Pall Mall Gazette*; as suas caricaturas politicas, unicamente politicas, eram apreciadas com alegria. Gould tem uma ponta de critica muito interessante, e o seu estylo, apezar de avelhantado, ainda agrada a muita gente e, principalmente, aos leitores politicos da *Westminster Gazette*.

A moderna caricatura iugleza é bem

diversa; Tom Browne, John Hassall, Will Owen e René Bull dum *humour* inexcédível, são os principaes caricaturistas do *Sketch* e do *Puck*. Isto, no entretanto, não prohibe que se admirem, numa quasi veneração, os desenhos antiquados de Carruthers Gould, que é estimado, com muita sinceridade, por todos os outros caricaturistas modernos da Inglaterra.

* *

O que se deve ler — Lê-se muito, mais até do que é preciso e, no emtanto, não se chega a conhecer uma quarta parte do que se deveria ter lido. A verdade é que falta um methodo, um programma racional de leituras, mas ainda que de prazeres.

O sr. Henri Mazel, sabendo dessa grande falta e a sentindo um pouco, para uos livrar de todos esses transtornos e de leituras que de dispersivas se tornam incommodas, publicou, editado pelo *Mercur de France*, um trabalho bem interessante — *O que se deve ler na vida*. Escripto com certo methodo, com umas idéas bastante sensatas, este livro, muito engenhoso, está bem longe de ser inutil; não é uma leitura desagradavel, muito pelo contrario, está até na lista dos bons livros que devem ser lidos com vontade.

* *

Nomes de ruas — Os nomes de ruas de-ram sempre margem a noticias interessantes; umas se salientam pelo excentrico da denominação, outras pelo lado historico, lembrando um caso ridiculo, mostrando uma superstição.

Algumas ruas de Paris teem uns nomes, de tal maueira estraamboticos, que chegam a ser incompreensíveis. Outros desses nomes são tão compridos que difficilmente são pronunçados.

Em Londres, onde existem ainda muitas excentricidades, umas ruas se tornam celebres pelo laconismo dos seus nomes; ha uma, na *city*, que é conhecida unicamente pela letra D. E' a ultima restante duma série de ruas que se designavam por letras do alphabeto, no principio do seculo passado.

* *

A religião no Hindostão — O sentimento religioso na Asia é de tal modo elevado que os fogos sagrados, considerados de grande valia, são conservados accesos durante seculos; para isso, os encarregados desse serviço teem um cuidado extraordinario, vigilando sempre os sagrados lumes e se substituindo por outros servos que

continuam com o mesmo desvelo, cheios dum respeito enorme para com aquelles fogos.

No Hindostão é onde se observam, facilmente, essas scenas com um pouco mais de exaggero e de superstição. Quando os parsis emigraram da Persia para a India houve festejos extraordinarios e para commemorar esse acontecimento accenderam uns fogos sagrados que se conservavam ainda, ha 12 seculos, com um respeito espantoso, digno mesmo da exaggeração asiatica.

* *

Livros sobre o Japão Ainda se continúa a escrever muito sobre o Japão; acabam de apparecer dois excellentes trabalhos a respeito desse extranho imperio, que vão augmentar a lista, já bem crescida, dos livros que, sobre aquelle paiz, tem sido publicados depois da guerra russo-japoneza.

O primeiro é um livro escripto em inglez, num estylo muito leve, gracioso — *Um sonho de verão em Paris*. O subtítulo, mais grave, indica que a obra estuda o Japão antigo e o de hoje. O auctor é o barão de Snyematsu — um japonez muito parisiense, o que já deixava entrever pelo título do seu trabalho, a que elle dá a fórma sempre agradável da conversação corrente. O livro foi escripto, na sua maior parte, antes de terminarem as hostilidades russo-japonezas e as notas de polemica tornam o estudo do barão de Snyematsu bem interessante.

O segundo trabalho que assignalamos é do sr. Péroz, tenente-coronel francez, sobre o *Japão e a França na Indo-China*. O sr. Péroz fala no seu livro do terrivel appetite do « Imperio do sol nascente » que pretende se apoderar, muito breve, si lhe fôr possível, da Coréa e da Mandchuria. O official francez conclúe, affirmando que a França perderá, muito proximamente, « a perola da suas colonias, a Indo-China, si não consentir nos sacrificios que se fazem necessarios para a segurança desse seu rico domínio contra os perigos duma guerra certa, infallivel. »

* *

A imprensa na Austria O jornalismo na Austria está num grau de adeantamento bem elevado. As folhas diarias tem uma grande extracção e a thragem das revistas illustradas é muito regular. As publicações quotidianas, hebdomadarias e mensaes são em numero de 3.320. Ha 270 jornaes e periodicos officiaes, 383 technicos e 247 economicos. De todos os jornaes que se publicam na Austria dois terços são redigidos em allemão, 694 em tcheco, 265 em polaco, 102 em italiano, 26 em servo-croata, etc.

O socialismo nos Estados-Unidos O sr. D. P. Bliss, num dos ultimos numero da *Review of Reviews*, de Nova-York, assignala a expansão do socialismo nos Estados-Unidos. É verdade que, actualmente, o socialismo está em minoria em diversos paizes europeus, mas, não obstante isto, tem obtido resultados excellentes na Austria, na Italia, na Suissa, na Allemanha e na Hespanha. O sr. Bliss faz uma estatistica bem interessante do socialismo mundial: a Allemanha, em primeiro lugar, com 3.008.000 socialistas; depois, a França, com 1.120.000; a Austria, com 780.000; a Belgica, com 500.000; os Estados-Unidos, com 442.400; a Australia, com 441.270, etc. O total das forças socialistas no mundo inteiro é de 7.601.384. A imprensa socialista está, tambem, muito adeantado; apparecem 638 jornaes socialistas, dos quaes 77 são quotidianos.

* *

Carne de cavallo e de cachorro O consumo da carne de cavallo e de cachorro augmenta espantosamente na Allemanha. Em 1904, fôram abatidos 120.000 cavallos e em 1905 190.000. É na Allemanha do norte que mais se come essa carne, sobretudo nos Estados Meckleburgo Strelitz e Meckleburgo-Schwerin.

Em 1904, abateram-se 7.000 cachorros e em 1905 9.000. A Saxonia, Prussia e Baviera constituem o seu maior mercado.

* *

A victoria dos dorminhocos Contra as sete horas de somno prescriptas ao homem, levantou-se ultimamente, no Congresso da Associação Britanico, reunido em Nova York, o medico allemão, dr. Dyke Aclaud, que sustentou a necessidade de dez horas. Porque, dando-se o crescimento durante o somno, é preciso todo esse tempo para que elle se faça normalmente. As creanças não desenvolvidas, na proporção da sua idade, devem dormir muito. Essa theoria do dr. Dyke tem ainda a relatividade das estações e das zonas: refere-se ao verão e ás regiões temperadas, porque, no inverno e nas terras frias, as exigencias do corpo humano são maiores.

* *

Nova propriedade do radium Um chimico de Nova York, o sr. Miethe, acaba de verificar que a luz do radium dá côr aos crystaes. O sr. Miethe fez experiencia com um brilhante de Bornéo, perfeitamente puro e branco, submetteu-o a uma

solução de 60 kilogrammas de bromo de radium. Depois de oito dias, o brilhante ficou amarello pallido.

Posta a pedra sob uma temperatura de 250 gráus, a côr apenas esmaeceu.

Em duas horas, passando pela mesma prova, uma saphira se tornou verde e, algum tempo depois, muito amarella, côr que desaparecia com o calor e reaparecia logo que a pedra esfriava. A turqueza adquire um ligeiro matiz rosado e o rubi é insensível.

* *

A successão do sultão O sultão da Turquia está tramando uma violação á lei musulmana que veda que, no throno, o filho succeda ao paé. Abdul-Hamid não quer, porém, saber disso porque o seu irmão mais velho, successor legitimo, está decrepito e o sultão prefere que no throno fique o terceiro dos seus filhos varões, um rapaz de 21 annos.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXXVI

Quanto á indicação de Montesuma, no tocante ao título de marquez, conferido a lord Cockrane, realmente é uma frivoleza. Conforme os principios e theorias constitucionaes, invocadas por Antonio Carlos, a faculdade de conceder graças é inherente á instituição monarchica e o proprio Montesuma, em seu discurso, reconhece e confessa que o Imperador já tem uzado dessa faculdade. Ora, si a monarchia já está acclamada, instituida, consagrada pela saberauia nacional; si já é um poder anterior, segundo a phrase de Royer-Collar, como contestar-lhe tal direito? (1)

O Imperador, desta feita, viu claramente que a Constituinte até o despojava dum dos meios que dão auctoridade, prestigio e força á monarchia, o ser a fonte das graças. A que ficaria reduzido? Si nomeou um deputado ministro de Estado, a outro encarregado de ir a Londres trabalhar pelo reconhecimento da Independencia; si concede um titulo nobiliario, ou nomear um commandante das armas, a Assembléa não só lhe pede contas, mas ainda lhe nega o direito de fazel-o.

É claro que, entre o chefe do Poder Executivo e a representação nacional,

que elle, por decreto de sua iniciativa e liberrima vontade, convocou, de certo, não perdurará accordo, só haverá lucta.

O facto incontestavel era a proclamação da monarchia; esta podia organizar o paiz sem o concurso da Camara, obra inteiramente sua, que entendia ter o poder de fazel-a desaparecer da mesma fórma pela qual lhe deu existencia.

Sem ter esmerilhado os trabalhos, os projectos, as pretensões, os sentimentos, as antipathias, as idéas, os discursos, as aggressões e muitas outras minucias, não se pôde formar um juizo mais ou menos exacto do procedimento que a Constituinte teve para tornar-se insupportavel ao Imperador desde o inicio da sessão, a 3 de maio, quando s. magestade manifestou o seu pensamento a respeito da Constituição digna de sua acceitação. Nestes estudos temos apontado uma série de circumstancias, que, ligadas, fazem uma avultada somma de motivos que geraram a convicção no espirito do chefe do Poder Executivo, de sua incompatibilidade com a representação nacional. Muitos destes motivos o irritaram a tal ponto que exalava as coleras que lhe referviam no coração, em acerbas vociferações e ameaças.

O drama desenvolve-se lento; as peripecias succedem quaes espasmos de agonia, antes de chegar á scena do desenlace funesto.

E' pásmoso que, ao approximar-se do momento final, ainda a Assembléa não tivesse comprehendido o perigo imminente.

Acabámos de ver, na sessão de 18 de outubro, Montesuma fazer novas e imprudentes aggressões, atacando uma das prerogativas da Realeza e Antonio Carlos de Andrada Machado, vibrando crebas machadadas nas attribuições do Executivo, auxiliados pela maioria das mediocridades inconscientes.

No espirito de Antonio Carlos e de Montesuma havia uma deploravel illusão. Esses dois oradores acreditavam que, dado um conflicto, o paiz tomaria o lado delles e que o Imperador, receiando essa contingencia, necessariamente haveria de se conter.

Essa illusão os levará a fazer impertinentes e frivolos interrogatorios ao ministro Villela Barbosa sobre a reunião das tropas no campo de S. Christovão. Ainda mais persuadidos de ter a Camara bastante prestigio e popularidade para obrigar o Governo, exigiram que o ministro da Guerra compa-

recesse no recinto legislativo a dar inúteis explicações. As suas illusões só caíram quando viram o espectro da realidade em frente da cadeia velha... esse espectro era a trôpa, que vinha das bandas do S. Christovão.

Estamos a tocar a méta destes estudos, antes, porém, de terminar, convém narrar os actos das ultimas sessões da Constituinte.

* *

A Constituinte, durante o mez de outubro, occupou-se em discutir importantes assumptos de incontestavel interesse publico, os quaes já mencionámos.

Dir-se-ia que ella começava a tomar ao sério a sua nobilissima missão de legislar para um paiz novo, que de tudo carecia. As discussões do mez de outubro honram-na pela importancia da materia e pelo talento e illustração de alguns deputados, como Silva Lisboa, Carvalho e Mello (visconde da Cachoeira), Montesuma, Araujo Lima, Lopes Gama, etc.

Nestas discussões, porém, não appareceram os Andradas; entretanto, fôram as mais notaveis que se travaram no recinto parlamentar e avultaram pela intelligencia e pelos conhecimentos scientificos de que deram sobejas provas varios representantes.

Infelizmente a Constituinte padecia de incuravel inepecia; não calculava nunca os resultados de certas resoluções. Não parecia ser um ramo do poder politico, ao qual incumbia tambem a organisação e a direcção do Estado e, por consequente, devia ter o criterio, a sabedoria ou, pelo menos, o bom senso de evitar os choques que impeceriam as funcções regulares do mecanismo do regimen representativo e da divisão dos poderes.

Na sessão de 29 de outubro suscitaram-se questões, que não só apaixonaram a Camara, mas ainda irritaram o Governo e deram ao Imperador novos motivos de convencer-se da incompatibilidade de coexistir com semelhante representação nacional, cuja feitura delle era.

Montesuma provoca a discussão da indicação perguntando ao Governo os motivos de não ter publicado o manifesto, como se resolvera em 30 de maio. Pergunta outrosim si já procedera á nomeação dos diplomatas para as côrtes estrangeiras.

De novo a Constituinte votou tal indicação — lembrando ao Governo a execução da ordem da Assembléa, que lhe fôra transmittida em 30 de maio (*ipsis verbis*, sessão de 29 de outubro).

Não era bastante: — erguen-se, imperioso, Antonio Carlos e indicou que se pedissem ao Governo as razões que o determinaram a nomear para governador das armas da Bahia um membro do Governo da mesma provincia.

Ainda mais: Montesuma propõe que se participe ao Governo que não verifique o titulo de marquez do Maranhão na pessoa de lord Cockrane.

Todas estas indicações são manifestas ingerencias nas attribuições constitucionaes do Poder Executivo e uma ataca, sem utilidade alguma, a prerogativa da monarchia, poder proclamado, acceito e consagrado pela soberania nacional, e anterior ao legislativo.

No tempo do gabinete de José Bonifacio, si taes perguntas fôsem indicadas, Antonio Carlos as impugnaría com arrogancia e faria á Camara uma confuza licção sobre as doutrinas da divisão dos poderes e do perigo da ingerencia dum poder nas attribuições do outro — o que produz o absolutismo, por consequencia, a negação do regimen constitucional. E' elle proprio um dos que desconhecem e violam as theorias que tanto ensinára e preconizára. Não lhe custam absurdas incoherencias! Agóra elle não pergunta: *si o Imperador não quizer tolerar que se lhe invadam as attribuições, o que succederá?*

Fixemos nossa attenção numa circumstancia, que prova a leveza com que procedia a maioria, tomando uma resolução, que indubitavelmente avivaria as coleras imperiaes. A maioria corria cegamente a perdição.

Um deputado, reflectindo na provocação da ordem da Assembléa intimada ao poder imperial, propoz — que se enviasse a indicação á commissão para dar parecer. Esta proposta, demorando a resolução, daria logar a moderação e a pensar na realidade das coisas. A maioria votou contra a proposta conciliadora. Então começaram os debates. Reproduziremos alguns excerptos dos trechos mais expressivos do discurso de Carvalho Mello; bastam para pôr saliente o vivo do provocação que a Camara dirigia ao Imperador.

«Quando, sr. presidente, a este recinto, (fala Carvalho e Mello) chegaram as noticias dos preclaros e illustres feitos de lord Cockrane, na aquisição da desgraçada provincia do Maranhão, resoavam estas abobadas com os pomposos elogios justamente merecidos e filhos do nobre enthusiasmo, de que todos nos apoderamos.

«Fomos feridos e tomados de admiração por tão grande e não esperada feçanha: accendeu-se uma nova e viva discussão afim de que esta Assembléa ordenasse uma felicitação ao nosso augusto soberano por tão grande e útil acontecimento.»

O orador passa a demonstrar a importância do facto da união da provincia ás outras, completando assim a cohesão da nacionalidade brasileira, consolidando a obra da Independencia, e, tendo apurado as vantagens que ao Brazil resultava do grandioso feito de lord Cockrane concernente á unidade e integridade do Imperio, Carvalho e Mello continúa: «Por tão assignalados serviços julgamos nós que a nação deveria dar a este varão illustre uma demonstração mui clara do quanto lhe era agradável o seu importante serviço, já na Bahia, já no Maranhão. Estes mesmos justos e poderosos motivos induziram ao chefe do Poder Executivo a conferir-lhe o honroso titulo de marquez do Maranhão, que perpetuará tão feliz acontecimento.

O chefe do Estado concedeu um titulo remunerando grande serviço de vital interesse do paiz, uzando do poder que lhe compete...

Está, porventura, em alguma lei, prohibido que o soberano possa dar titulos? Não era até agóra, segundo as leis que continúam a nos reger, permitido fazel-o?

Como, pois, poderá esta Assembléa aprovar a indicação do illustre deputado, que se dirige a revogar a concessão da graça feita do titulo de marquez do Maranhão a lord Cockrane? Não foi ella conferida por justos e poderosos motivos? Não foi conforme o nosso enthusiasmo e juizo, que então formamos?

Sr. presidente, si uma tal indicação passasse com approvação deste augusto recinto, não digo bem, si tal indicação não fôr logo reprovada, cobrir-nos-emos de affronta, á face da nação e do mundo inteiro; seremos contradictorios com os nossos proprios sentimentos; daremos prova da nossa injustiça e da nossa leviandade e offenderemos as prerogativas e attribuições do poder imperial, que ainda não foi despojado dellas. Farei ver até a evidencia que a attribuição de conferir titulos lhe deve ficar livre, como essencialmente necessaria para

desempenho do alto emprego e poder, que lhe tocou em um governo representativo constitucional.

Nós devemos, mesmo para manutenção do equilibrio politico dos poderes, dar-lhe toda consideração, dignidade e força necessaria para fazer mover o todo da machina social. Supponhamos que o Poder Executivo, ainda incerto da legislação, concedeu esse titulo afim de premiar serviço tão assignalado. Sem muita justiça, havemos nós, sem motivo poderoso, de revogar semelhança graça? Havemos de deslustrar a alta dignidade do chefe da nação?

Havemos de dar provas de que nos afoitamos a desapreciar o Governo? Não, sr. presidente, nem elle se houve com menos acerto, nem nós o devemos fazer, porque não temos motivo siquer especioso. Demais, sobre ser injusto, seria imprudente e perigoso. Qualquer outro procedimento, que não seja falar mais desta materia, será contrario á nossa honra, á nossa gloria, á felicidade da nossa causa e á grandeza, lustre e dignidade do poder imperial.»

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Vie de Royer-Collard*, par le Baron de Barante.

A LIVRARIA

«BUENOS-AYRES» — POR MARIO CATTARUZZA. — RIO DE JANEIRO. — 1906.

O sr. Mario Cattaruzza foi ultimamente a Buenos Aires como representante do *Correio da Manhã*, quando se dizia que a Republica Argentina estava hesitante em fazer-se ou não representar no Congresso Pan-Americano, e começava-se a discutir entre nós o projecto da Caixa de Conversão que se quer crear e o da quebra do padrão monetario, tambem em perspectiva.

O facto de lá se haver organizado igualmente uma Caixa de Conversão e agido no sentido da fixação do cambio, estava indicando o interesse que havia em que o representante da folha fluminense voltasse tambem snas vistas para essas questões financeiras, tendo desse modo um fim triplice a viagem do sr. Cattaruzza á capital da Republica vizinha e amiga.

Além do serviço telegraphico que a sua missão comportava, o activo jornalista publicou, na sua volta, uma

série de artigos a que pôde reduzir suas notas de viagem, e são esses mesmos artigos que ora elle nos offerece reunidos no presente volume.

Já Buenos Aires era uma grande e formosa cidade, de aspecto essencialmente moderno, de habitos civilizados, commoda, bem policiada, e o nosso Rio de Janeiro nem dava ajuda esperanza de que pudesse despertar um dia da indiferença em que se deixava ir ficando. Muita gente estava até convencida de que o destino definitivo da *urbs* carioca era esse mesmo — o de ser como que uma estratificação representativa da phase colonial, sem mais appello.

Que despezas colossaes não seriam necessarias para a transformação das nossas perspectivas! Somos um paiz pobre, allegavamos, que se não deve metter em aventuras, porque não pôde confiar sinão muito limitadamente nas suas forças. Deixemos as cidades que ora se estão construindo em diferentes pontos do Brazil encarregadas de representar a sua epocha.

Além de que, — não faltava quem opinasse, — os antigos tinham sido mais sensatos do que muita gente pensava construindo estas vielas e estes beccos aqui no Rio, onde o verão se faz sentir com a violencia que sabemos. Num clima como o nosso do que precisavamos era justamente de preservar-nos da acção immediata do sol. Os sobrados, por consequente, que entupiam, de lado a lado, as nossas ruas-corredores, desempenhavam o papel providencial de uns como quebra-luz, que nos livravam de cair fulminados pelas ruas aos montes, victimas de insolação.

Ainda mais: tinha-se em conta de grandes exaggeros o que os viajantes nos vinham dizer em relação a Buenos Aires. Vi muita gente indignada com os que falavam entusiastamente sobre as impressões que haviam trazido da Argentina; esses eram tratados logo de paspalhões, máus patriotas e coisas assim.

Outro argumento era que as loucuras praticadas pelos nossos vizinhos lhes tinham custado a bancarrota e o consequente descredito nas praças europeas. Nós ao menos, nesse ponto, eramos a honrosa excepção, aqui na America do Sul, sendo apontados por isso como um exemplo para todos os outros povos do continente.

Tudo isso cafu por terra, inclusive, infelizmente, a idéa de que estavamos livres de recorrer ás moratorias só porque não nos deixavamos seduzir aqui no Rio pelas perigosas aventuras buonarenses. De que nos serviu conservarmos a velha cidade colonial quasi intacta, si dissipamos ainda mais loucamente no tempo da Bolsa

os capitães faceis que por aqui rodam, em luxos de passadio e na importação de machinas e petrechos que não sonbemos utilizar?

A viagem do sr. Campos Salles ao Rio da Prata é que marca o inicio da verdadeira revolução operada em nossos dias sobre estes assumptos. O pessoal que constituin o sequito do Presidente, composto de escolhidos representantes das nossas classes intellectuaes, pôde julgar de perto o estado de civilização dos nossos visinhos e receber directamente o influxo quá lhes deu energia para decidirem-se e acção de propaganda constante e pertinaz a que devemos, em bôa parte, o nosso despertar.

Cumpre confessar estas coisas, pois que ellas representam a verdade, e dizer que não basta o que está feito, que necessitamos ter uma noção precisa e nitida dos problemas ainda a resolver para tornar o Rio de Janeiro uma capital commoda, attráente, e dar á nossa população um aspecto condigno com aquelle que felizmente vamos conseguindo imprimir á feição material da cidade.

Para isso é de grande vantagem que visitem os outros paizes, não só os nossos homens de governo como tambem os homens da imprensa, tal qual fazem os argentinos, sem perdermos de vista que são principalmente as uoticias trazidas de lá, da terra desses nossos visinhos, que mais teem impressionado o nosso povo, pelo bom espirito de rivalidade que ellas despertam, assim como que, nesses particulares indicados, elles mesmos ainda nos pôdem dar bôas lições.

Por exemplo, até certo ponto explica-se a razão pela qual ha já tanto tempo em Buenos Aires e mesmo em Montevideo, se conseguiu organizar um serviço de carros de praça incomparavelmente mais perfeito e mais barato do que esse, vergonhoso, — rudimentar e carissimo, — de que por emquanto, aqui no Rio de Janeiro dispomos. A Argentina e a Republica Oriental são paizes creadores, que fornecem, por conseguinte, animaes e alimentação para estes por baixos preços, o que torna muito mais barato o custeio das emprezas que se destinam a explorar essa industria.

Mas, si é lícito allegar essa circumstancia como uma razão para explicar-se o caso relativamente á tracção animal, ella já não serve de argumento tratando-se de automoveis, de que, no emtanto, já existe um bom serviço em Buenos Aires, talvez até melhor do que o que se achava por emquanto organizado em Paris, onde, ha um anno a esta parte, se começava apenas a ensajar qualquer coisa por modo a poderem estes vehiculos entrarem em séria concurrencia com os chamados carros

de praça. Mesmo eu Londres, até áquella data, a nova industria ainda não se achava convenientemente desenvolveida do ponto de vista de que falo.

Para resolver este problema será talvez indispensavel estudarmol-o no que respeita aos impostos de alfandega, que convirá, provavelueute, serem fortemente reduzidos, não só para a aquisição dos vehiculos como dos animaes que se tenham de utilizar no serviço, e até mesmo dos productos que coustituem a alimentação destes ultimos. Convém se observar até onde e por que modo a acção dos regulamentos municipaes pôde decidir do resultado e de que ponto por deante ella será contraproducente e até inexequivel.

O que não se comprehende é que continuemos a cruzar os braços, a aceitar passivamente a situação em que nos achamos a este respeito. Só quem já viveu numa grande cidade em que o serviço de carros se achava organizado de modo a estar ao alcance de quasi todas as bolsas, quem conheceu praticamente as vantagens que dahi resultam para a vida moderna, como é impossivel substituir-se esse recurso por aquelle que nos proporcione o serviço mais idéal de transportes collectivos, não verá nessa deficiencia de que nos resentimos até agóra uma das grandes causas do atrazo que se nota na nossa vida de relações.

O sr. Mario Cattaruzza, além de satisfazer com estas paginas os fins principaes da missão que o levou a Buenos Aires, comprehendeu muito intelligentemente que sua obra cresceria de valor correspondendo ao nosso interesse crescente por tudo quanto se refere á bella cidade platina que nos possa servir de termo de comparação entre ella e o Rio de Janeiro, sem nenhum espirito de preconceito ridiculo e vão. Esse seria apto unicamente a deixar-nos ficar na ignorancia vaidosa e satisfeita de quem não quer aprender e progredir ou não tem capacidade para isso.

Logo ao encetar o seu livro dá-nos uma excellente idéa de conjuncto sobre o aspecto da cidade, mostrando-nos, não só o que elle tem de verdadeiramente brilhante, como o que offerece de desvantajoso, pela fatalidade da sua collocação topographica, os grandes claros que se notam ainda nas edificações e a falta de caracteristico nestas.

O que, porém, eustristece o viajante, — elle refere, — é, ao entrannhar-nos mais para o interior da risonha metropole, a vista dos seus suburbios, si taes ainda se pôdem chamar, ua sua maior parte desprezados e miseraveis, como si fôsem recessos em que se internam condemnados. E' o reverso

da medalha, quasi que inevitavel por emquanto nas cidades modernas, de uma distribuição economica ainda tão odiosamente organizada, e que, por vergonha nossa, mesmo na America, se acha tão longe de uma solução mais razoavel.

A leitura destas paginas impressionistas proporciona, como nenhuma das que já tenhamos produzido aqui sobre o assumpto, ficarmos com uma idéa cosmoramica já bem satisfactoria em relação á grande cidade portenha.

Acho tambem muito felizes, encarradas por este lado, aquellas em que o auctor procura transmittir-nos a sua impressão sobre o movimento geral da cidade e particularmente do centro bolsista. O systema de comparações que adopta o sr. Cattaruzza, nestas paginas e naquellas a que acima me refiro, habilitado como se achava para fazel-as, sendo um homem muito viajado, é suggestivo e apto para melhor gravar-nos na memoria as impressões que elle nos transmittite.

E' tambem muito intelligentemente organizada a parte em que o diligente jornalista dá conta do que pôde estudar sobre a Caixa de Conversão e a modificação do padrão monetario.

Elle não quiz apreciar apenas os efeitos financeiros dessas refórmias, que por lá fôram bons (e o sr. Cattaruzza deixa patente por que razão o fôram), mas tambem os efeitos economicos, as suas consequencias sobre a fortuna particular, sobre o bem estar do povo, que, por emquanto, — o representante do *Correio* o demonstra, — só tem piorado alli com o emprego de taes medidas.

Do convívio em que entramos com o auctor, pela leitura destas paginas, iudúz-se que o sr. Mario Cattaruzza é o que hoje se chama um jornalista internacional, embóra actualmente fixado no Brazil, por que mostra predilecção decidida. E' um homem intelligente, observador, sagaz, sem pezada erudição, mas sufficientemente provido de noções e dotado de uma bôa sympathia humana. De modo que o valente jornal fluminense poz o dedo na pessoa que convinha para o desempenho da commissão que lhe deu.

Não se pôde exigir de quem escreve rapidas notas de viagem, e que além disso não deverá ter acurados estudos da nossa lingua, um estylo propriamente impeccavel. O sr. M. Cattaruzza realmente não o tem nestas paginas. Em todo o caso, escriptores muito nossos conheço que não produzem — com pureza e correcção superiores.

NUNES VIDAL.

Toda e qualquer correspondencia relativa aos « Annaes », deve ser dirigida ao secretario, sr. Walfrido Ribeiro.

A POLICIA MILITAR

Com alguma insistencia, fala-se que ás medidas iniciais a serem adoptadas pelo futuro Governo está jungida a reforma da policia do Districto Federal. Tal reforma não deve ficar em segundo plano, considerada como das coisas que não exijam de prompto o carinho da administração. Ella se impõe. Nenhuma necessidade é mais urgente, nenhum outro departamento administrativo carece, mais que a policia, de soffrer uma dessas modificações radicaes que, sob o actual Governo, nos proporcionaram julgar da indiscutivel capacidade dos nossos homens para não só tentarem mas realizarem quasi o impossivel.

A policia actual não se resente de grandes lacunas apenas. Tudo, na sua estrutura, é má, é defeituoso, é imprestavel, é obsoleto e, muitas vezes, raia pelo ridiculo.

Estamos, em materia de policia, presos ás peiores tradições, aos processos mais inefficazes, e tudo e todos concorrem e teem concorrido, levando a sua condescendencia condemnavel para que se não modifiquem, siquer, os traços geraes da organização policial vigente, producto que herdou das anteriores as mesmas mazellas e incongruencias que inquestionavelmente, constituem, sem exaggeros, o caracteristico da actual. Não é preciso que joeiremos no vocabulario da nossa lingua os termos que, pelo seu significado deprimente, melhor se adaptem, com a maxima propriedade, á qualificação do presente estado de coisas da policia; o simples exame do que temos, as exterioridades dos processos policiaes em uso, o mecanismo da vigilancia publica, este ultimo deturpado nos seus fundamentos, como pôde testemunhar qualquer habitante desta cidade, obrigam-nos até a prescindir de realçar os vicios occultados no bojo da instituição policial.

Mas, si é urgente, como dissemos, a reforma da policia, tão grande quanto a urgencia proclamada é o interesse superior da universalidade, vendo, na feitura da reforma, retratadas as intenções de se não levar a cabo, obedecendo a interesses meramente individuaes, a obra que, mais

de perto, tem poderosas ligações anti-quissimas com a segurança publica e com o respeito á propriedade.

E' preciso analyzar todas as peças do carcomido edificio, quasi todas imprestaveis, pô-las á margem, e dar feição nova, intelligente e expedita ao aparelho por crear.

Uma das monstruosidades mais perceptíveis é a desproporção entre a policia civil e a policia militar. Emquanto a primeira, que devera predominar pelo numero, é reduzidissima no pessoal que a compõe, a segunda, até pouco tempo, era exclusivamente adoptada, e, ainda hoje, apesar da bemfazeja criação da guarda civil, sob moldes muito mais toleraveis, soffreu, ha cerca de dois annos, um accrescimento estupendo.

Aliás, a população em pezo pôde testemunhar os fructos que se teem colhido com os guardas civis, homens que se destinam a policiar homens, ao passo que a policia militar, pelo seu aspecto mavorcio, contrasta com a indole pacata da nossa gente. Note-se: o augmento extraordinario no pessoal da Força Policial não concorreu de longe, apesar do gravame que tal medida impõe ao erario publico, para que o simples serviço de policiamento se fizesse melhor; ao em vez disso, extensissimas zonas da cidade continuam no mesmo abandono, e a mais leve perturbação da ordem, num ponto qualquer, a duração mais longa de uma *grève*, occasionam, abruptamente, a retirada de praças dos contingentes destacados nas varias delegacias, contingentes estes, por sua vez, tambem escassos.

Policia, o nome está dizendo, é para policiar; policiar, só por si, é das tarefas mais arduas; é ver tudo, apalpar tudo, conhecer tudo, prevenir tudo; é aprimorar a maneira de se conduzirem os mal habituados com a vida nas ruas, nos logares publicos, emfim; é poupar os espectaculos escandalosos á vista do publico; é perscrutar os movimentos mais subtis dos malfetores; é, numa palavra, desempenhar um serviço *unico* por sua natureza e *incompativel* com obrigações provenientes de outros encargos. A policia militar é a negação formal de todos estes requisitos. Ella faz com que predominem na idéa de seus

agentes outras preocupações grandes e absorventes, que sacrificam as do verdadeiro policia. A vida do quartel tem exigencias; o uso da farda impõe deveres; exigencias e deveres que teem um caracter que predomina sobre o individuo, avassalando-o, a ponto de se superporem a quaesquer outras obrigações, provenientes do exercicio simultaneo de outras funcções.

Assim, onde se pensa encontrar o *soldado-policia* ha tão sómente o *soldado*; mas, nem do *soldado*, uem do *soldado-policia* se carece; carece-se apenas do *policia* e, por effeito da organização vigente, este uão existe. De maneira que tal criterio de organização é falho, e redundante, forçadamente, no absurdo. E custa-nos os olhos da cara. A prova, accrescentemos, de que ha exclusivamente *soldado*, e *policia* absolutamente não existe, basta que, num dia de revista militar, (e teem sido tão frequentes nos ultimos tempos) assistamos ao desfilar das tropas. Passa a Marinha, passa o Exercito, passa a *Força Policial*.

Si a população quizesse imaginar o alcance do despauterio, bastaria ir correr, na noite precedente, a cidade: não toparia com um daquelles milicianos no serviço da ronda. Este, preterido pelos exercicios militares, fica descurado desde as vespersas da formatura. Nas delegacias não se encontrará sinão o numero indispensavel para guardar o posto, mascarandó a coisa. E que elles são soldados attestau-no, a par da organização militar adoptada, *em plano superior á do proprio Exercito*, o garbo, a disciplina, o apuro do fardamento. Até nas ambulancias de guerra: emquanto as do Exercito são as conhecidas e acanhadas carrocinhas do marechal Mallet, as da Força Policial, vastas, arejadas, com espaço e fixidez bastantes para, no seu recinto, poderem operar os proprios cirurgiões, obedecem ao typo americano e provieram dos Estados Unidos.

Outra prova de que o augmento do effectivo da Força Policial não supriu as legitimas necessidades da vigilancia publica é a continuação, ou, melhor, o despropositado desenvolvimento que vão tendo as *guardas nocturnas*, instituições de caracter par-

ticular, impostas ao publico pela força intangivel das circumstancias, e sobre-carregando-o, extra-lei, com o accrescimento de mais uma pesada contribuição pecuniaria. Tudo isto acontece, não pelo facto de ser actualmente diminuto, apesar do augmento por que passou, o effectivo de praças da Força Policial, mas, exclusivamente, em virtude da condemnavel organização militar da policia, cujo papel, já salientámos, está desvirtuado por completo.

Diz-se, por ali, que *razões de Estado*, muito ponderosas, concorrem para a manutenção da actual organização da policia militar. Tratando-se, porém, das coisas de policia no ambito em que, pela sua natureza, é licito encaral-as, não devemos cogitar do valor dessas *razões*.

Aliás é bem de vêr que taes ponderações, especiosas e futeis, não destruirão jámais os argumentos contra o serviço quasi exclusivo da policia militar, infecundo, nocivo e desprestigiado.

BENTO DA GAMA.

CARICATURAS

FECONDIDADE SCIENTIFICA

Como um sol que, em torno de si, tivesse um systema planetario a fruir-lhe calor e luz, aquelle bello talento de professor, ardoroso nas suas ousadas affirmativas, offuscante no brilho de suas exposições, arrastára na sua trajectoria academica uma pleiade incondicional de discipulos, em que uns se destacavam como Jupiteres e outros mal se percebiam, como planetas telescopicos.

A'quelle divino calor, brotaram os fructos das doutrinas acertadas, que trouxeram o dia ao calio *malarico* dos conhecimentos medicos de então, empedernidos pela rotina.

Apagado o astro-rei, improficuos fôram os esforços dos que quizeram herdar-lhe o rutilo daquella palavra magica, das phrases buriladas e candentes, embôra dum vernaculo torturado, que mostrava os conhecimentos litterarios do mestre, correndo de parrelha com a sua erudição scientifica. Foi o bruxolear da phase do bacharelismo na medicina, mas um bruxolear radiante, si permittem o paradoxo.

O campo da observação e da experiencia, melhor organizado, chamou, pelos incitamentos enropens, os espiritos avidos de conhecimentos, da colheita de factos novos, de novos esclarecimentos sobre a nossa pathologia, merecedora de mais cuidados, de factos mais positivos. Na léva dos semeadores fôram-se tambem os apagados satellites d'outr'ora, os modernos caçadores da *rêclame* e de successo facil, a tentar recursos novos, então em apostasia ao Deus morto.

Dos nossos scientists, o dr. Archimedes Silva, ainda que o nome não lhe fôsse uma revelação nem lhe inculcasse a carreira, era uma das conquistas da moderna idade, que, ao lado das concepções maravilhosas do telegrapho sem fio e do radium, creou tambem o graphophone e o piano electrico, os torturantes instrumentos de repetição.

* *

Recostado na sua ampla poltrona, inscripto num hemicyclo de estantes, pejudas de temerosos volumes, aquelle embryão de sabio, aos clarões suaves dos bicos Auer, era visto diariamente pelos moradores da zona, em sua sala de visitas ampla, transformada em bibliotheca, e de janellas, de par em par, abertas para a via publica.

Aquelle trabalho insano não se limitava ás noites; á luz do dia, de bonde ou de tilbury, cabeça afundada na leitura do *Deutsches Medicinisches*, do *British Medical Journal*, do *Lancet*, da *Revue de Médecine* ou do *Policlínico*, lá ia o homem abstracto e tão distraído que, de uma feita, quasi lhe vem o mesmo fim do seu homonymo de Syracuse, não pela lança de um legionario romano, mas pela de um caminhão que abalroou a carangueijola que transportava aquella móle de sciencia.

Os resultados surgiram em abundante mêsse. Todos os jornaes medicos da terra tinham dificuldade em dar saída ao accumulo de contribuições e trabalhos do prolifico sabio; e a onda transbordára até para os órgãos europeus, pois o *Correspondant Médical*, da Casa Clin, já publicára um substancial trabalho do nosso homem sobre o *urinol*, diuretico novo, preparado pela mesma casa.

No expediente, na ordem do dia das

sessões ordinarias e extraordinarias das sociedades sabias da cidade, quasi todo o tempo era tomado pelas communicações e questões do illustre confrade.

«*Da flexão do grande artelho esquerdo nos epilepticos*», fôra uma contribuição que tomára um numero iuteiro da *Revista Medica*. O *Correio da Tarde*, diario de grande circulação, cujo redactor era cunhado do dr. Archimedes, que, por sua vez, era medico gratuito da Associação Beneficente dos Empregados do mesmo jornal, transcrevera na integra o trabalho com o retrato do auctor e a affirmação de que as sciencias medicas ganhavam uma contribuição que honraria o Brazil, a America e a Humanidade.

Impossivel seria citar todos os trabalhos, que se seguiram, pequenas communicações concisas, repetidas e dadas com esforço.

Eram verdadeiros tenesmos *dysentericos*—diziam os invejosos—esses esforços tenazes, repetidos, e com pequenas eliminações.

De hyperidrose axillar caprylica nos cabindas. (Estudo physiologico e de ethnographia); *Da contractura dos arrectori pilli nas phobias*; *Habitat e reprodução dos Phthirius inguinalis* (Estudo de Biologia); *Da projecção dos fragmentos salivares na articulação da palavra dos alienados* (Trabalho de Psychiatria); *O problema da eliminação dos mucus nasal concreto nas creanças* (Estudo de Pediatria) etc., etc., vasta lista de theses originaes com que o dr. Archimedes Auto da Silva podia conquistar uma cadeira na Faculdade, sem os sobresaltos perturbadores das provas de concurso, que nem sempre provam o real merito e a verdadeira embocadura.

* *

Pasmavam os centros medicos pelo subito paazar daquelle prurido irremprimivel de publicações.

O *Correio da Tarde*, porém, deixára perceber nas entrelinhas de uma noticia laudatoria sobre o anniversario do sabio, que elle não descansava na sua faina gloriosa de enriquecer a sciencia patria; que um longo e trabalhoso estudo, acompanhado de delicadas pesquisas, estava a surgir para illuminar uma questão, que, havia muito, trazia preocupados os espi-

ritos dos medicos do mundo interior. De facto, casos de typho em trabalhadores de esgotos e operarios de mistéres tão penosos, levaram a duvida aos espiritos dos sabios para saber si seriam os germens inhalados pelos individuos naquellas atmosferas impuras ou inoculados por via cutanea na manipulação dos liquidos excrementicios.

O dr. Archimedes resolvera de modo positivo a questão: a via da introdução era a pulmonar, os germens eram inhalados e não inoculados por via cutanea. O dedicado sabio tirára a prova pessoal untando-se com os productos vehiculadores do bacillo typhico e, a não ser a desagradável loção, de certo uenos aromatica que as usadas pelos romanos nas thermas, nenhum symptoma alarmaute puzera em risco a vida preciosa de tão profundo e prolifico sabio.

DOUTOR CABANES.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A tetania considerada como intoxicação pelos saes de cal — Demonstrações de Finkelstein — O parecer de Stoeltzner.

Ha dois annos, o sr. Finkelstein, assistente do professor Heubner, mencionou a acção particular do leite de vacca na tetania.

Elle verificára que, em meuiños affectados dessa molestia, um simples purgativo e diéta hydrica bastavam para eliminar os symptomas. Os cosidos feitos com farinaceos, mas preparados sem leite, agiam do mesmo modo. Si, ao inverso, se lhes dava leite depois de libertados da tetania pela diéta, a hyperexcitabilidade dos nervos periphericos, as contracções com ou sem spasmos da glotte, reappareciam quasi immediatamente.

Isto conduziu o sr. Finkelstein a indagar qual a substancia que, no leite de vacca, agia dessa maneira. Nas experiencias feitas para elucidar essa questão, pôde verificar que nem a caseína, nem a manteiga, nem o asucar do leite influencia alguma exerciam sobre a marcha da tetania. Ao contrario, a addição do serum do leite de vacca provocava rapidamente a reaparição de todos os symptomas, donde concluiu que o leite agia, provavelmente, pelos seus saes, pelo phosphoro ou pela cal, e que a tetania poderia ser o resultado de uma mutação defeituosa dessas substancias no organismo infantil.

O sr. Stoeltzner procurou verificar essa hypothese por uma série de experiencias que o conduziram á inesperada conclusão de ser a tetania o resultado de uma intoxicação pelos saes de cal.

Elle começou verificando a acção do leite de vacca sobre a tetania e si bem que não sejam, em todos os pontos, demonstrativas ás doze operações por elle effectuadas, não deixam, por isso, de confirmar os factos signalados por Finkelstein. Pôde, por sua vez, verificar que o leite administrado a um menino doente de tetania, franca ou latente, provocava, nitidamente, uma exaggeração de todos os symptomas dessa espasmophilia, os quaes desapareciam ou se attenuavam de maneira notavel quando se supprimia o leite ou quando este era substituido pelo leite de mulher ou por farinaceos.

Por outro lado, como o serum do leite de vacca age exactamente como o leite natural, Stoeltzner administrou aos seus doentinhos, sob uma fórmula pharmaceutica, os saes que se acham no lacto-serum.

Essas experiencias deram resultados precisos. O phosphato de soda, o lactato de ferro, o acetato de potassa, o chlorureto de sodio, a magnesia, administrados aosteticos, cuja espasmophilia desaparece depois da suppressão do leite de vacca, nenhuma acção manifestam. Mas bastava dar áquelles meninos uma pequena quantidade de um sal de cal, para que reaparecessem a tetania e, em um caso desse genero, com tamanha intensidade, que o menino escapou de morrer em accesso de espasmo da glotte.

Esses factos, essa acção particular do leite de vacca e dos saes de cal, levaram Stoeltzner a estabelecer a hypothese de ser a tetania uma intoxicação pelos saes de cal.

E' muito suggestiva a defeza dessa hypothese. Infelizmente os factos citados em apoio della sómente constituem argumentos por analogia.

Elle observou que, em relação aos saes de cal, a mucosa intestinal exerce a dupla função de absorver e de eliminar. Encerrando o leite de vacca cinco vezes mais cal do que o de mulher, conclúe-se que, ua creança alimentada pela mamadeira, a mucosa intestinal se submete a um verdadeiro excesso como emunctorio dos saes de cal. Si, como se dá muitas vezes, o menino alimentado com leite de vacca se torna rechitico, não sómente elle não utiliza a cal absorvida, como a descalsificação de seus ossos faz ainda passar pela referida mucosa uma nova quantidade daquelles saes. E', portanto, possivel que, nessas condições, o intestino, *ad instar* dos outros orgãos, se torne fuuncionalmente in-

sufficiente como emunctorio e que essa insufficiencia tenha como resultado uma retenção no organismo.

Como verdadeira idiosyncrasia, ella explicaria como a retenção dos saes de cal se pôde encontrar excepcionalmente nas creanças alimentadas ao seio; nas quaes é a tetania, como se sabe, muito rara.

Como disposição de familia, ella explicaria a apparição da molestia em diversos membros da mesma familia. E si se admittir que ella pôde persistir depois da cura do rachitismo, se lhe encontra a origem, nos adultos como nos meninos que não se nutrem com o leite de vacca.

Quanto á acção espasmogenea, ella decorre das experiencias citadas.

Nessa ordem de idéas, Stoeltzner cita ainda varios factos tirados da physiologia. Assim, um musculo de rã posto com os sens nervos numa solução physiologica de chlorureto de sodio, perde a sua excitabilidade electrica no fim de duas horas. Si, nesse momento, se ajuntar a solução 0,002% de CaCl₂, a excitabilidade reaparece no espaço de cinco minutos. Da mesma maneira, as contracções de um coração isolado não podem ser mantidas pela circulação artificial, si a solução empregada não contiver pequena quantidade de saes de cal.

Resta saber si, nos tetanicos, os tecidos e os humores encerram, effectivamente, elevada proporção desses saes, mas o uotavel professor Stoeltzner, sobre este pouto, se limitou a invocar a attenção dos interessados na questão.

* *

O veneno da fadiga — Uma nova molestia descoberta — Experiencias curiosas com cobaias — A antitoxina.

E' uma doutrina geralmente aceita pelos physiologistas que a pessoa fatigada está intoxicada pelo abatimento resultante da actividade muscular, pelos venenos devidos a exercicios exaggerados.

Segundo um allemão, o sr. Weichardt, o veneno da fadiga seria uma toxina definida, comparavel á que produz a diphteria. Mas, si ha uma toxina, deve haver tambem, forçosamente, uma antitoxina correspondente, capaz de neutralizar os effectos perniciosos daquella. E esta antitoxina existiria entre os athletas, o que lhes permitiria sentir menos que os outros homens os resultados da fadiga.

E' uma noção muito outra da que corre geralmente. O sr. Weichardt já a submetten ás provas; fazendo trabalhar umas cobaias, forçando os pobres bichos a fazerem esforços consi-

deraveis e, logo depois, os matando, elle extrahiu o succo muscular e verificou que, depois de ter retirado desse succo os productos de desassimilação, causa presumida da fadiga, segundo a theoria conhecida, ficava, no emtanto, alguma coisa, uma substancia que era egual á maior parte da toxina.

O sr. Weichardt experimentou esse residuo e viu que, injectando-o noutros animaes, estes, muito pouco tempo depois, se apresentam fatigados, sem energia, num esmorecimento, e morrem, si a dóse injectada é relativamente grande. Esse residuo é muito sensível á acção do calor, que o destróe facilmente.

Esta toxina, como todas as outras, em geral, desenvolve uma antitoxina: injectada no cavallo, ella cresce e fórma um anticorpo que neutraliza a acção má da toxina. E si fizessem o mesmo com os atletas? Até agora ainda não foi experimentada, mas, si no cavallo tem esse bom effeito, poderia ser utilizada, com muito successo, no homem, para combater a fadiga terrível. A questão é digna dum estudo aprofundado.

NOVO CHRISTO

Qual novo Christo, sou crucificado em vida
No infamante madeiro onde a minha Alma, absorta,
Vem gemer de saudade uma esperança morta,
Vem chorar sem consolo uma illusão perdida.

E sangrem minhas mãos e meu rosto. Que importa
Si, pregado a essa cruz e a cabeça pendida,
Tenho sempre a soffrer a dôr dessa ferida
Que meu corpo tortura e em nada me conforta?

Tenho o fogo do inferno a queimar-me de sede,
E a pura lymphá a bocca a escancarar-se pede
Para talvez matar meu ultimo desejo...

E qual si um novo Christo eu fosse para a lenda,
Sinto na Hora Final, sem que nada comprehendá,
Que vertes no meu labio o agro fel de teu beijo!

Recife — 1906.

ADALBERTO PEREGRINO.

RECEBEMOS:

Revista Escolar, num. 1, setembro. Esta publicação, mantida e redigida pelos professores e officiaes do Collegio Militar, é mais um resultado excellente da brilhante organização desse estabelecimento de ensino.

Estamos acostumados a considerar esse internato, e comnosco todos os que se interessam pelo progresso do ensino nacional, como um nucleo de trabalhadores, tão estudiosos quanto modestos. Por isso, não nos surpreheende que uma publicação feita com a sua responsabilidade tenha o cunho de bom gosto artistico e seriedade scientifica que se nos depara na *Revista Escolar*.

A unidade e harmonia do ensino é um dos pontos principaes do programma da novel revista; mas, naturalmente, é olhado com carinho particular o desenvolvimento physico e moral dos alumnos do nosso querido Collegio. Não se deve extranhar, portanto, que essa revista, dedicada aos interesses geraes do ensino, occupe paginas com illustrações, por signal finamente acabadas, que reproduzem aspectos e scenas da vida intima daquella casa de educação e consagre artigos e poesias ao enobrecimento do caracter dos pequenos brasileiros entregues á sua tutela.

A *Revista Escolar* destaca-se absolutamente das nossas publicações congêneres, não só pelo cuidado material que revela como pela excellente redacção. Isso, porém, é pouco. Os professores do Collegio Militar, auxiliados, como são nessa empreza, por espiritos competentes, extranhos ao estabelecimento, e tendo o apoio do commandante Campos, podem transformar a presente tentativa em uma revista de estudos didacticos ao nivel da civilisação nacional.

— *A Epoca* — Os alumnos da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes tem publicado com pontualidade a sua interessante revista, na qual mestres e alumnos commungam em um mesmo solícito amor aos estudos da sciencia juridica.

O seu director, o sr. Paz de Oliveira, conseguiu reunir um grupo sympathico de colaboradores, entre os quaes avulta a penna illustre do sr. Sylvio Roméro e os nomes prestigiados dos srs. Lima Drummond, Inglez de Souza, Bulhões Carvalho, além dos academicos srs. Edgard Roméro, um poeta que começa com brilho, Abrahão Ribeiro, Hermeto Lima, Jonathas Serrano e outros.

— *Execuções* das sentenças estrangeiras no Brazil, por Samuel Martins, juiz de direito; Recife, 1906.

— *Pela Marinha*, por Armando Burlamaqui, capitão-tenente da Armada. Trata-se de uma collecção de artigos publicados no *Jornal do Commercio* durante o anno de 1903, em que o auctor esteve na Europa a se aperfeiçoar nas diversas especialidades da sua profissão. É uma recommendação para o livro o nome do seu auctor, um dos mais operosos entre os poucos officiaes manheiros que, entre nós, escrevem de coisas do seu officio.

— *Revista Escolar*, num. 9, anno III. Publica-se na Fortaleza, Ceará, e é orgão do Instituto de Humanidade, um bom estabelecimento de ensino dirigido pelo sr. Joaquim da Costa Nogueira.

Vendem-se collecções dos «Annoes», ricamente encadernadas do primeiro tri- de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

XADREZ

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

1.º Turno

Resultado actual:

W. B. Hentz.....	6 (falta 1)
Henrique Costa.....	5 (falta 1)
Annibal Pereira.....	5
Barten Allen.....	2 (faltam 2)
Tito de Sá.....	2 (faltam 2)
Q. Bocayva Junior.....	1 (faltam 4)
V. Ouro Preto.....	1 2 (faltam 2)
Augusto Loup.....	1 2

Como se vê, vão se verificando as nossas previsões. De facto, o torneio se realiza apenas entre os tres primeiros.

Póde-se assegurar que o 1.º turno, e mesmo um 3.º e um 4.º, não alteraria esse resultado, salvo si o sr. Bocayva quizesse tomar o caso a sério. Mas consta que, para não se incomodar, elle só disputa o 4.º lugar. E' de philosopho...

**

ZUKERTORT

— Zukertort, de quem publicamos hoje a celebre e estupenda partida contra Blackburne, triumphou na sua epocha com um brilho incomparavel, eclipsando todos os mestres mundiaes. Em 1882, o campeão Steinitz, molestado com as criticas que o grande jogador fez em uma revista de xadrez a proposito de analyse de partidas, desafiou-o, e juntamente a L. Hoffer, para um *match* em que os dois jogariam em consulta contra elle Steinitz. Era um desafio orgulhoso. Zukertort respondeu-lhe que accitava, elle só, e que propunha a aposta de 100 ou 200 librassterlinas. Estavam as coisas neste pé, quando o torneio internacional de Vienna veio interromper o projectado combate. Neste torneio Zukertort bateu Steinitz, que jogou contra elle o gambito Kiezeritski, mas Steinitz conquistou, juntamente com Winawer, o primeiro lugar.

No anno seguinte, 1883, em Londres, um novo torneio internacional realizou-se, com 14 concurrentes, e entre elles, Zukertort, Steinitz, Blackburne, etc.

O triumpho de Zukertort foi estrondoso: conquistou o 1.º premio com 22 partidas ganhas, vindo em segundo lugar Steinitz com 19, Blackburne com 16 1 2 e Tschigorine com 16.

Em 33 partidas jogadas, Zukertort perdeu apenas 4. Foi ahi que elle jogou contra Blackburne a partida que, de entre todas, o immortalizou. Logo depois, Steinitz desafiou-o para um *match*, que ainda dessa vez não se pôde realizar.

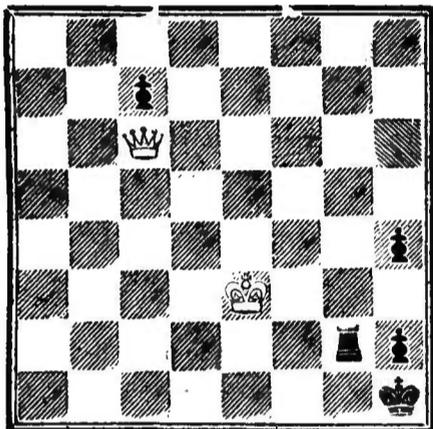
Só em 1886 se deu o encontro decisivo entre os dois colossos. Durante mezes, a lucta entre os dois formidaveis campeões trouxe todo o mundo enxadrístico numa enorme anciedade. Finalmente a victoria coube a Steinitz, que em 20 partidas ganhou 10, perdeu 5 e empatou 4. O desgosto

de Zukertort foi tão profundo que, dahi por deante, a sua vida enxadrística foi quasi uma série de desastres, em *matches* e torneios. Em 1888 a sua estrella como que se ia reanimando. Entrára em um torneio *handicap*, em que o seu triumpho já parecia certo, quando, durante uma partida, foi acommettido de uma hemorragia cerebral, que o matou no dia seguinte. Morreu aos 46 annos, tendo nascido no dia 7 de setembro de 1842, o mesmo dia do anniversario de Philidor.

PROBLEMA N. 66

A. G. Corrias

PRETAS (5)



BRANCAS (2)

Mate em tres lances

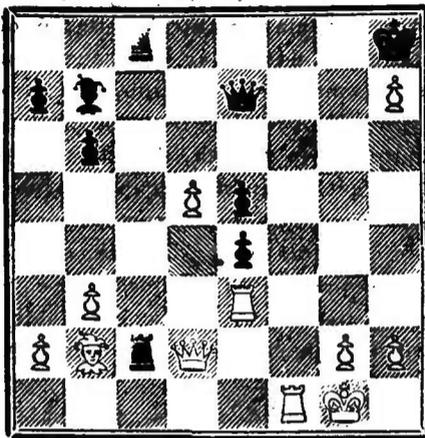
PARTIDA N. 72

(Jogada no torneio maior de Londres a 5 de maio de 1883)

PARTIDA INGLEZA

Brancas	Pretas
(Zukertort)	(Blackburne)
P 4 B D	— 1 — P 3 R
P 3 R	— 2 — C 3 B R
C 3 B R	— 3 — P 3 C D
B 2 R	— 4 — B 2 C D
Roque (a)	— 5 — P 4 D
P 4 D	— 6 — B 3 D (b)
C 3 B D	— 7 — Roque
P 3 C D	— 8 — C D 2 D (c)
B 2 C D	— 9 — D 2 R (d)
C 5 C D	— 10 — C 5 R
C X B	— 11 — P X C
C 2 D	— 12 — C D 3 B R (e)
P 3 B R	— 13 — C X C
D X C	— 14 — P X P (f)
B X P (g)	— 15 — P 4 D
B 3 D	— 16 — T R 1 B D (h)
T D 1 R (i)	— 17 — T 2 B D (*)
P 4 R	— 18 — T D 1 B D (j)
P 5 R (**)	— 19 — C 1 R
P 4 B R	— 20 — P 3 C R
T 3 R (k)	— 21 — P 4 B R (l)
P X P e. p.	— 22 — C X P (m)
P 5 B R	— 23 — C 5 R (n)
B X C	— 24 — P X B
P X P C (o)	— 25 — T 7 B D (p)
P X P x	— 26 — R 1 T
P 5 D x, d.	— 27 — P 4 R

Depois do 27.º lance das Pretas



D 4 C D ! (g)	— 28 —	T D 4 B D (r)
T 8 B R x ! (s)	— 29 —	R X P
D X P x	— 30 —	R 2 C
B X P x ! (t)	— 31 —	R X T
B 7 C x !	— 32 —	R 1 C
D X D	— 33 —	abandonam

(a) Esta abertura é jogada segundo os principios reconhecidos e aceitos das partidas fechadas. O P D não deve ser jogado antes do roque, porque o adversario ganharia um tempo por B 5 C x e dobraria talvez o P B D das Brancas (Hoffer).

(b) Zukertort recommenda B 2 R, sobretudo quando o 1.º jogador já jogou o seu B na casa correspondente (Steinitz).

(c) P 4 B D seguido de C 3 B é a maneira de se desenvolver considerada geralmente melhor (Steinitz).

(d) Era ainda preferivel jogar P 4 B D (Steinitz).

Este lance permite ás Brancas trocar uma peça quasi sem acção por uma muito activa, mas é provavel que esta manobra tenha sido adoptada pelas Pretas para obter uma abertura ás suas torres (Hoffer).

(e) Era melhor jogar C X C, seguido de P 4 B R (Steinitz).

(f) P 4 R teria offerecido mais probabilidades de quebrar o centro adverso e de desenvolver a sua posição. (Steinitz).

(g) Melhor que P X P, porque as Pretas teriam dirigido todo o ataque sobre esse pião fraco e teriam ficado com dois piões contra um do lado da Dama (Hoffer).

(h) Blackburne continúa tranquillamente sua tactica de dirigir seus esforços para o lado da Dama. O seguimento da partida demonstra que elle está errado, mas deve-se reconhecer que era bem difficil prever o lado fraco da sua posição durante este periodo da partida (Hoffer).

(i) Excellente lance; as Brancas desdenham a ameaça do dobramento das torres sobre a columna do B D, que nenhum mal lhes pôde causar e preparam o ataque sobre o centro (Steinitz).

(j) A posição destas duas torres, que parece formidavel, é, em verdade, importante por causa da posição do B branco a 3 D (Hoffer).

(k) Aqui de facto começa a combinação de Zukertort; ameaça T 3 T, P 5 B e D 6 T (Hoffer).

(l) Talvez fôsse melhor C 2 C. O lance do texto é máu. Blackburne quiz sem duvida tirar partido da posição, que parece tão

forte, de suas torres, o que não podia ser obtido sinão expulsando o B da casa 3 D, mas o jogo de Zukertort não lhe dá tempo para isso e logo começa a era das difficuldades (Hoffer).

(m) Um erro; D X P seguido de C 2 C não teria deixado senão uma ligeira vantagem ás Brancas (Hoffer e Steinitz).

(n) Forçado agora para evitar a perda de um pião (Steinitz).

(o) Inicio de uma muito grande e admiravel concepção (Steinitz).

(p) Lance que parece muito natural na posição actual. A bella e extraordinaria maneira, pela qual as Pretas succumbem, excusa Blackburne de qualquer falta. O lance correcto era P X P, o qual, entretanto, á resposta T 3 C ou T 3 T teria deixado as Pretas com uma partida inferior. (Steinitz). Agora que as Pretas chegaram a fazer penetrar sua T no jogo, é tarde demais, não pôdem tirar della nenhum proveito. Examinámos B 4 D para impedir o B D adverso de se desenvolver, mas achamos egualmente insufficiente

— 25 —	B 4 D
P X P x	— 26 — R 1 T
T 3 C	— 27 — D 5 T
D 2 B R	— 28 — T 2 C R
B 1 B	— 29 — T X T
P X T	— 30 — D X P
B 4 B	— 31 — etc. (Hoffer)

(g) Lance magnifico e decisivo (Steinitz).

(r) Se D X D, as Brancas dão mate em sete lances:

— 28 —	D X D
B X P x	— 29 — R X P
T 3 T x	— 30 — R 3 C m h.
T 6 B x	— 31 — R 4 C
T 3 C x	— 32 — R 4 T
T 5 B x	— 33 — R 3 T
B 4 B x	— 34 —

e mate no lance seguinte (Hoffer e Steinitz).

(s) Os lances precedentes e este formam uma das mais altas combinações que já se tenham feito defronte de um taboleiro de xadrez (Steinitz).

Não sabemos como exprimir a nossa admiração pelo grande estylo com que Zukertort conduziu esta partida. Não esqueceremos nunca a surpresa dos espectadores, quando viram que, offerecendo a Dama, as Brancas mudavam subitamente uma partida, que parecia perdida, em uma brilhante victoria; e foi preciso todo o tacto que caracteriza uma assembléa de *gentlemen* ingleses, para que não testemunhassem seus sentimentos por meio de applausos ruidosos. Nunca se jogou uma partida mais bella; contra um mestre consummado como Blackburne, o facto ainda eleva mais o merito de Zukertort (Hoffer).

(t) Digno fim de uma das mais brilhantes partidas que conhecemos (Steinitz).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 65 (A. G. Corrias): 1 — P 6 C D, P X P (a, b, c); 2 — D 6 D, ?; 3 — D mate.

(a) 1... P 3 T D; 2 — D 7 R, ?; 3 — D mate.

(b) 1... T X P; 2 — D 1 T D, ?; 3 — D X P mate.

(c) 1... Outro lance; 2 — D 6 B D x, ?; 3 — D ou P mate.

JOSÉ GETULIO.

(*) Estes lances fôram jogados durante a primeira hora.

(**) Idem.